



Dossiê Temático



21

RENATO EPIFÂNIO

autores
para a

**Filosofia
Portuguesa
do século XXI**

Renato Epifânio

21 Autores para a Filosofia Portuguesa do Século XXI



¹ Salientamos aqui os nomes de António Braz Teixeira e Pinharanda Gomes, decerto, de entre os vivos, os dois autores que melhor personificam essa tradição filosófica mais genuinamente portuguesa. Também por isso, aos dois dedicamos este nosso trabalho.

² Defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 14 de julho de 2004. Relativamente às obras de José Marinho, usaremos as seguintes abreviaturas e siglas: *Aforismos (Aforismos sobre o que mais importa*, "Obras de José Marinho", vol. I. Lisboa: IN-CM, 1994); *Cor.* (Correspondência, vol. do apêndice documental de *A meditação do tempo no pensamento de José Marinho*, Dissertação de Mestrado em Filosofia de Jorge Croce Rivera. Lisboa: UL, 1989); *Doc* (Apêndice documental de *A Doutrina do Nada: o pensamento meontológico de José Marinho*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia de Jorge Croce Rivera. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1998; *EAS (Elementos para uma antropologia situada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1966); *Ensaio* (*Ensaio de aprofundamento e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. II. Lisboa: IN-CM, 1995); *Estudos* (*Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981); *Filosofia (Filosofia: ensino ou iniciação?*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1972); *FP (Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. VIII. Lisboa: IN-CM, 2007); *LNOT (Da Liberdade Necessária e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. VII. Lisboa: IN-CM, 2006); *NISOT (Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. V. Lisboa: IN-CM, 2003); *PFLC (O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1945); *PFLCOT (O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. IV. Lisboa: IN-CM, 2001); *SVM (Significado e Valor da Metafísica e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. III. Lisboa: IN-CM, 1996); *Teoria (Teoria do Ser e da Verdade*. Lisboa: Guimarães Editores, 1961); *TP (Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade*, "Obras de José Marinho", vol. VI. Lisboa: IN-CM, 2005); *VCD (Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1976).

O exercício da escolha tem sempre algo de arbitrário e de injusto. Por mais que queiramos seguir critérios o mais aparentemente objetivos, há sempre algo de irredutivelmente subjetivo no ato de escolher.

Quando nos propusemos o exercício de escolher os 21 autores mais significativos da nossa mais recente tradição filosófica, os 21 autores que, por isso, mais determinantes serão para a filosofia portuguesa do século XXI, tivemos várias hesitações, a par daquelas escolhas que, à partida, seriam mais óbvias e, por isso, em grande medida, "indiscutíveis".

Partindo de um universo de cerca de meia centena de autores, acabámos por fazer a seleção em três blocos temporais: o primeiro, de autores ainda do século XIX; o segundo, de autores da primeira metade do século XX; o terceiro, finalmente, de autores da segunda metade do século XX.

Quanto a este último bloco, optámos por não integrar na nossa seleção nenhum autor vivo – ainda que alguns deles, ao longo desta panorâmica, sejam referidos¹. Foi esse um dos critérios que seguimos. Quanto ao mais, assumimos a subjetividade desta seleção, por mais que, na maior parte dos casos, invoquemos a "caução" de ilustres hermenêutas da tradição filosófica portuguesa – como, muito em particular, de José Marinho.

Este trabalho, de resto, deve muito à nossa dissertação de doutoramento – *Fundamentos e Firmamentos do Pensamento Português Contemporâneo: uma perspetiva a partir da visão de José Marinho*². Aí, procurámos reconstituir a visão marinhiana do pensamento português contemporâneo. Agora, alargamos essa perspetiva a autores mais recentes – não contemplados no exercício hermenêutico de Marinho –, ainda que mantendo essa mesma inspiração...



I Amorim Viana (1822 - 1901)



VIDA:

Nascido em Lisboa, onde igualmente veio a falecer, realizou os seus estudos secundários em França, vindo a licenciar-se em Matemática na Universidade de Coimbra (1948). Obteve depois, por concurso, a cátedra de Matemática da Academia Politécnica do Porto (1850), onde residiu até ser jubilado (1883), e onde teve uma apreciável ação cultural, nomeadamente pela sua participação em várias revistas.

OBRA:

- *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*, pref. de António Braz Teixeira, org. e fixação do texto de António Carlos Leal da Silva. Lisboa: IN-CM, 1982.

- *Escritos Filosóficos*, compil., fixação do texto e nota prévia por António Carlos Leal da Silva. Lisboa: IN-CM, 1993. AA.VV.

- *Amorim Viana e a Filosofia em Portugal*, org. de José Gama. Braga: UCP/FF, 2003.

Dionísio, Sant'Anna

- *Teólogo Laico (Amorim Viana)*. Lisboa: Seara Nova, 1961.

Silva, António Carlos Leal da

- *Dados sobre a Vida e a Obra de Amorim Viana*. Lisboa: IN-CM, 1993.

PENSAMENTO:

Começamos por Pedro de Amorim Viana porque foi ele, na visão de José Marinho, "o pensador que procura pela primeira vez garantir a autonomia do pensamento filosófico em Portugal". Eis, literalmente, o que nos disse no prólogo à sua obra *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*³ e que depois reitera, de forma mais desenvolvida, no capítulo que lhe dedica – ainda nas suas palavras: "A situação trágica do filósofo, de que fala Hegel, do filósofo que segue o difícil caminho da autonomia perante as potestades visíveis ou invisíveis da religião ou da política, surge pela primeira vez em Portugal com Amorim Viana."⁴

Para além disso, a importância do pensamento de Amorim Viana deve-se também, senão sobretudo, ao eco que ele suscitou em outros pensadores, como, muito particularmente, em Sampaio Bruno. Com efeito, foi no diálogo, senão mesmo no confronto, com Amorim Viana que Sampaio Bruno teceu a sua obra, nomeadamente a sua *A Ideia de Deus*, de tal modo que esta teve mesmo como título provisório *Amorim Viana*⁵. Ora, se Sampaio Bruno – tenha ele sido ou não o "fundador da filosofia portuguesa", de acordo com a tese de Álvaro Ribeiro que iremos aqui, em devido tempo, referir – é, ainda hoje, um interlocutor incontornável para muitos dos pensadores portugueses contemporâneos, então Amorim Viana, quanto mais não seja por isso, é, de facto, uma figura nuclear do pensamento português contemporâneo⁶.

Como veremos quando falarmos de Sampaio Bruno, o confronto com Amorim Viana prende-se sobretudo com a questão do "mal" – uma das questões mais debatidas no pensamento português contemporâneo⁷. Enquanto o primeiro vai reduzir a questão do mal a um erro de perspetiva – nas suas palavras, ao "mau ponto de vista em que nos colocamos" – o segundo vai expressamente afirmar a essencialidade do mal – como o próprio escreveu, na sua obra *A Ideia de Deus*: "Amorim Viana, consoante outros filósofos de análoga ou congénere filosofia, ensina assim: 'O mal não tem essência real.' Este, porém, é o erro basi-

³ Cf. *VCD*, p. 5.

⁴ *Ibidem*, p. 11. Em abono de Marinho, diga-se que esta é uma tese igualmente defendida por outros hermeneutas do pensamento português contemporâneo, nomeadamente, por Pinharanda Gomes – daí, a título de exemplo, estas suas palavras: "Em pleno romantismo literário, Amorim Viana lançava a âncora nos abismos insondáveis das interrogações ao ser. Com ele começa a filosofia portuguesa contemporânea [...]" (Pinharanda Gomes, *Teodiceia Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Sampedro, 1975, p. 68).

⁵ Cf. Sant'Anna Dionísio, *Teólogo Laico (Amorim Viana)*, ed. cit., pp. 60-61 (n. 21).

⁶ Somos aqui mais comedidos do que Sant'Anna Dionísio, que descortina múltiplas "afinidades" entre Amorim Viana e grande parte dos pensadores que se lhe seguiram: "[...] pela coragem da intervenção política, Amorim Viana é um genuíno precursor do autor do *Evangelho de uma ação idealista*; pela persistente apologia da razão, como que antecipa o intelectualismo de A. Sérgio (uma vez ou outra entrecortado de alguns arroubos); pela crença-vislumbre de que todo o homem tem um profundo poder criptomnésico, de anseios premonitórios ou 'reminiscências de vidas anteriores', dir-se-ia apontar o pensamento essencial do poeta do *regresso ao Paraíso* (incluindo a singularidade da *tentação do Eterno Retorno* que salta como um impensável na derradeira página da *Defesa do racionalismo* e no final do poema); finalmente, pela intuição insistente de que a primacial virtude divina seria a da criação indefinida, o filósofo como que antecede a ideia-força matricial do autor do *Pensamento criacionista*" (*Teólogo Laico*, ed. cit., p. 52). A primeira obra referida, da autoria de Raul Proença, tem como título exacto *Para um Evangelho de uma acção idealista no mundo real* (in Seara Nova, nºs 115-125, 1928/ 1929).

⁷ Cf., por exemplo, António Braz Teixeira, "O Mal na Filosofia Portuguesa dos Séculos XIX e XX", in *Deus, o Mal e a Saudade: estudos sobre o pensamento português e luso-brasileiro contemporâneo*. Lisboa: Fund. Lusíada, 1993, pp. 61-78.

⁸ Sampaio Bruno, *A Ideia de Deus*, Porto: Lello, 1998, p. 209.

⁹ *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*, ed. cit., p. 35.

¹⁰ *Ibidem*, p. 158.

¹¹ *Ibidem*, p. 243.

¹² *Ibidem*, pp. 275-276.

¹³ *Ibidem*, pp. 276-277.

lar de todas as metafísicas, se exceptuarmos as pessimistas, que enfermam de outro engano.”⁸

EXCERTOS:

- “O crente descansa na fé. A fé apascenta-lhe o espírito; o preceito refreia-lhe as más paixões e estimula-lhe os instintos virtuosos. Que mais precisa para ser venturoso? Por que se há-se afadigar em árduas e estéreis especulações, quando a bondade divina lhe outorga tudo de que carece, muito mais do que lhe poderiam obter os mais aturados estudos?/ O catecismo basta-lhe./ Tudo o que vai além é curiosidade repreensível.”⁹

- “Não podemos sequer entrever o modo por que funciona o pensamento de Deus; não nos é dado conceber como de um só relance abrange a universalidade das coisas, distinguindo-as todavia claramente umas das outras. Desde que fitamos as ideias na essência suprema, desde que lhe marcamos atributos, destruímos a sua primitiva simplicidade, reconhecemos nela fases, descemo-la das regiões eternas em que permanece para a trazer à sucessão em que a nossa existência se passa.”¹⁰

- “A razão humana é fraca. Não pode atingir a ciência. Só Deus é sábio. O homem pelo raciocínio apenas vê na harmonia o reflexo do Imutável, do verdadeiro Ser. Mas esse esforço, que constitui a filosofia, é o mais nobre, o mais relevado a que alcança.”¹¹

- “O mal não tem essência real. Não tem causa eficiente, mas só deficiente. Procede da imperfeição da criatura, é a condição do seu progressivo aperfeiçoamento. Tem-se consciente comparado o mal às trevas e o bem à luz./ Deus, o Sumo Bem, a luz na sua essência, no seu foco, vê todas as cousas pela sua face luminosa. Deus não pode conhecer as trevas, não pode conhecer o mal. Para Deus todos os entes são bons, como o atestam o Génesis e Platão. É porque toda a criatura tende ao seu fim, que é o seu bem, que é o Verbo que a resume e define; e a ideia que Deus tem da criatura abrange a todos os seus estados, desde a sua origem até à completa realização de seu destino./ Nós, porém, só temos das cousas um conhecimento fragmentário e sucessivo; e as diversas fases que delas percebemos não se reúnem a nossos olhos em uma perfeita harmonia./ Deus, donde irradia toda a luz, todo o bem, só contempla das criaturas a realidade que dele procede e que lhes dá o ser; desviados desse centro luminoso, nós cremos as mais belas disposições desordem e confusão; e parece-nos que os diversos seres se embarçam mutuamente e projectam uns sobre outros maléficas sombras./ De facto, essas sombras não existem. Provêm do mau ponto de vista em que nos colocamos, que não nos deixa contemplar o Universo na sua realidade completa, na sua finalidade, na sua perfeição.”¹²

- “Na eternidade e para Deus tudo é bom: no tempo, na sucessão, caminhamos incessantemente para o bem, sem nunca o podermos atingir, mas minora-se continuamente o mal.”¹³

II

Cunha Seixas (1836 - 1895)



VIDA:

Nasceu em Trevões, na Beira Alta. Tendo-se matriculado, em 1958, em Teologia e Filosofia, na Universidade de Coimbra, presumivelmente visando a carreira eclesiástica, acabou por se transferir para a Faculdade de Direito daquela Universidade, onde se formou em 1864. Terminado o curso, fixou-se em Lisboa, enquanto advogado e como professor de Filosofia. Manteve a sua colaboração com múltiplos periódicos, iniciada em Coimbra, e tornou-se sócio de diversas agremiações científicas.

OBRA:

- *Princípios Gerais da Filosofia e outras obras filosóficas*, introd. de Eduardo Abranches de Soveral. Lisboa: IN-CM, 1995. AA.VV.
- *Colóquio Antero de Quental dedicado a Cunha Seixas e Farias de Brito*. Aracaju: Fund. Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 1997.
- *Cunha Seixas, uma filosofia da modernidade*, org., introd. e notas de Pinharanda Gomes. S. João da Pesqueira: Câmara Municipal, 2006.
- Gomes, Pinharanda
- *Cunha Seixas*. Lisboa: Guimarães Ed., 1975.

PENSAMENTO:

Segundo José Marinho, Cunha Seixas foi, provavelmente, “o mais ignorado e desdenhado dos nossos filósofos contemporâneos”¹⁴ – mesmo “os mais atentos à vida espiritual portuguesa, como Sampaio Bruno, os mais generosos como Leonardo Coimbra, referiram-se-lhe com escasso ou sonogado apreço ou muito simplesmente o ignoraram”¹⁵. Marinho, ao invés, chega a considerá-lo como “um dos mais dotados pensadores de Portugal e, porventura, da Europa do seu tempo”.

Terá sido no “prólogo” à sua obra *O Pantiteísmo na Arte* que Cunha Seixas nos legou “a mais feliz breve síntese” do seu “sistema”, que designou por “pantiteísta”, o que, por si só, indicia o seu propósito: a “conciliação do panteísmo e teísmo”, na ultrapassagem do sistema “panenteísta” de Krause, por si e por muitos considerado como a “concepção mais gigantesca dos tempos modernos”¹⁶.

Nessa medida, atentemos, pois, nesse “prólogo”, que é, aliás, antecedido por um “ante-prólogo”, em que Cunha Seixas desde logo declara que esse seu livro é “nos domínios da arte a expressão de um novo sistema filosófico”¹⁷, precisa-

unitário que merece ser cotejado com as inquietas reflexões do autor das *Odes Modernas* e que excede, sem dúvida, a altitude dos trabalhos de Silvestre Pinheiro Ferreira, Amorim Viana e Ferreira Deusdado, que se encontram acima dos positivistas.” (“Cunha Seixas e a Filosofia Portuguesa”, in *As Portas do Conhecimento: dispersos escolhidos*, compil. e pref. de Pinharanda Gomes. Lisboa: Instituto Amaro da Costa, 1987, pp. 223-224).

¹⁴ Como afirma Abranches de Soveral na sua “Introdução” a *Princípios Gerais da Filosofia e outras obras filosóficas*, “Krause (1781-1832) foi um pensador alemão pouco conhecido no seu país, mas que exerceu uma grande influência na Bélgica, e, a partir daí, em Espanha, em Portugal e na América Peninsular, principalmente no domínio do Direito” (cf. p. 22) – a própria matriz do pensamento de Antero de Quental é, aliás, segundo António Braz Teixeira, mais krausista do que hegeliana (cf. “As Raízes Krausistas do Pensamento de Antero”, in AA.VV., *Congresso Anteriano Internacional*. Ponta Delgada: Univ. Açores, 1993, pp. 777-785). José Marinho, por seu lado, defende igualmente a influência krausista no pensamento de Cunha Seixas – não obstante, como ressalva, “o juízo de valor do nosso filósofo em relação a Krause tenha oscilado através dos anos” –, tendo chegado a afirmar que “sem a relação à filosofia alemã desde Leibniz, até Krause inclusivamente, [é] impossível compreender a grande empresa a que Cunha Seixas se devotou” (cf. *VCD*, p. 59). A este respeito, atente-se ainda nestas suas palavras: “Perante a escolástica positivista, perante a sua sistemática limitada, tão rígida e tão consequente com a vontade imperiosa, como inconsequente com a verdadeira razão arbitrariamente detida num momento do seu processo, e desarticulada da mais profunda razão de ser, Cunha Seixas vai ele próprio tentar um pensamento sistemático, que não na forma sem beleza ou radiação mas no alto último lembra Schelling, afastando-se, por outro lado, como décadas antes Silvestre Pinheiro Ferreira se afastara, das filosofias alemãs do devir, ou, para empregar os próprios termos do autor das *Preleções Filosóficas*, dos “Heraclitos da Alemanha” (ibidem, p. 62).

¹⁴ Cf. *VCD*, p. 133.

¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 57. Marinho assinala apenas três exceções: Ferreira Deusdado, Fidelino de Figueiredo e Álvaro Ribeiro. Este último, aliás, num artigo publicado em 1959, teceu mesmo a Cunha Seixas um grande elogio – nas suas palavras: “Fiéis à teologia católica permaneceram alguns pensadores portugueses que não deixaram obra filosófica digna de brilhar nas condições culturais do século passado; mais interessante é a série dos livre-pensadores que tentaram definir, em termos heterodoxos, as novas relações da filosofia com a teologia; de entre estes é justo reconhecer, pelo seu excepcional valor, José Maria da Cunha Seixas. / A obscuridade que envolveu, até há poucos anos, o nome deste indito pensador, está explicada pela paixão sectária dos positivistas, que o votaram a um desprezível esquecimento, e pela maldicença impiedosa dos literatos tristes que ridicularizam os ensaios poéticos do filósofo extravagante. É certo que os escritos de José Maria da Cunha Seixas não primam pela austera beleza de estilo clássico nem pela eurtmia numerosa da frase opulenta, antes denotam a descuidada facilidade de quem exprime em termos ingénuos um pensamento sincero que radica em perturbada vida sentimental. Dotado de temperamento apostólico, missionário e místico, não seguiu as vias da investigação penetrante e da especulação profética, preferiu escrever um estilo de combate e propaganda. Mas o historiador da filosofia que proceder ao exame dos livros elaborados por Cunha Seixas encontrará com surpresa *uma obra*, notável pela quantidade e pela qualidade [...] / Contemporâneo de Antero de Quental, Cunha Seixas desenvolveu na linha coerente dos seus vários livros um pensamento

¹⁷ Cf. *O Pantiteísmo na Arte*, Lisboa: Tipografia da Biblioteca Universal, 1883, p. V. Usamos esta edição porque este “ante-prólogo” não foi coligido na mais recente edição das obras de Cunha Seixas, só o prólogo propriamente dito [*Princípios Gerais de Filosofia e outras obras filosóficas*, ed. cit., pp. 59-89]. Ainda assim, remetemos igualmente para essa mais recente edição, dado que nela se colige aquela que é, decerto, a mais importante obra de Cunha Seixas – *Princípios Gerais de Filosofia* (1898) –, obra na qual, sobretudo no seu último capítulo (capítulo X), precisamente intitulado “O Pantiteísmo”, ele reafirma os contornos essenciais do seu “novo sistema filosófico”, ao caracterizá-lo, nomeadamente, como “uma nova forma de espiritualismo”, como um “espiritualismo harmónico” (cf. pp. 505 e 518, respetivamente).

¹⁸ Cf. *ibidem*, p. VI.

¹⁹ *Ibidem*, p. VII.

²⁰ Cf. *ibidem*, p. XXXVII: “O panteísmo vê em tudo a eternidade e olvida as realidades relativas.”

²¹ Cf. *ibidem*, p. VII.

²² Cf. *ibidem*, p. XXII.

²³ *Ibidem*, p. XXXIII.

²⁴ *Ibidem*, p. XXXVII.

²⁵ *Ibidem*, p. XX.

²⁶ *Ibidem*, p. XXV.

mente o “novo sistema filosófico” que se expõe no “prólogo”, tanto mais porque, como ressalva, os seus “cânticos” – *O Pantiteísmo na Arte* é, no plano formal, um livro de “cânticos”, de “poemas” – “não carecem de comentário filosófico para se entenderem”¹⁸, o que autonomiza ainda mais o “prólogo” no âmbito da obra propriamente dita.

Inicia Cunha Seixas esse seu “prólogo” a *O Pantiteísmo na Arte* por historiar a gênese do seu “novo sistema” – nas suas palavras: “Depois do estudo dos principais monumentos filosóficos e sobraçados os árduos problemas de filosofia, não me foi possível subordinar-me aos sistemas actuais”¹⁹. Daí, ainda segundo o próprio autor d’ *O Pantiteísmo na Arte*, a gênese de “uma nova síntese, mais larga que todas as anteriores”, a emergência de “um sistema novo, que não podia caber no círculos, aliás estreitos, dos nomes existentes”.

Procurando singularizar o seu sistema face a todos os outros, enfatiza Cunha Seixas a diferença do seu “pantiteísmo” face ao sistema “panteísta” – e isto porque é entre o “pantiteísmo” e o “panteísmo”, muito mais do que entre o “pantiteísmo” e o “teísmo”, que os pontos de coincidência, ou, pelo menos, de proximidade, são em maior número e de maior grau, residindo a mais decisiva diferença do “pantiteísmo” face ao “panteísmo” no seguinte: enquanto este afirma, de forma mais ou menos expressa, a identidade entre “Deus” e a Natureza, negando, nessa medida, todo o temporal, todo o contingente, todo o relativo²⁰, já aquele, apesar de reconhecer “Deus como *centro* de todas as coisas”²¹, nega a identidade entre a Natureza e “Deus”.

Para Cunha Seixas, “infinito é só Deus”, “tudo o mais é relativo”, inclusivamente a “infinidade da natureza”, a qual não é senão, nessa medida, um mero “reflexo da verdadeira infinidade”²². Afirmando, em favor do “panteísmo”, que “Deus existe *em tudo*”, mas com a ressalva de que, “existindo *em tudo*”, “Deus” não deixa por isso de ser de tudo “distinto”, afirmando, em favor do “teísmo”, que “Deus é [de tudo] distinto”, mas com a ressalva de que, “sendo de tudo distinto”, “Deus” não deixa por isso de “existir *em tudo*”, eis pois, em suma, como Seixas procura conciliar o “teísmo” e o “panteísmo”, em favor do seu “pantiteísmo”.

EXCERTOS:

- “O pantiteísmo é uma criação, erguida por sobre as ruínas de toda a filosofia do século XVII, por sobre a corrente sensualista de Locke até Cabanis, por sobre a criação de Maine de Biran até os nossos dias, e por sobre a corrente alemã de Kant até Hartmann e por sobre a filosofia contemporânea da França, Alemanha, Itália, Inglaterra e Espanha.”²³

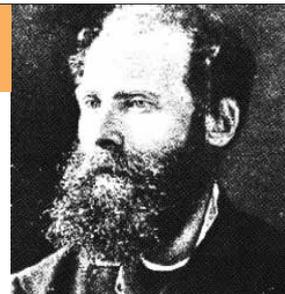
- “O pantiteísmo não é o ontologismo de Malebranche, nem o espiritualismo insofocável de Cousin: é um sistema muito mais completo, que abrange as leis ontológicas e a fonte delas e ao mesmo tempo toma na experiência tudo o que esta deve dar para não se permanecer na alta especulação nem no inacessível, figurando-se o que se não pode explicar.”²⁴

- “O infinito é só um, que é Deus. Tudo participa de Deus, que está nas criaturas, como ser infinito, cedendo-lhes as condições e elementos de subsistência sem perder coisa alguma da sua essência nem se confundir com o finito substancialmente. S. Paulo disse: *In Deo vivimus, movemur et sumus*. Todos, pois, participamos de Deus. O modo de participação dos seres contingentes no absoluto, que todo o filósofo, digno desse nome, reconhece, e que nós chamamos Deus, não é a confusão panteísta; é outra coisa muito diversa [...]”²⁵

- “O panteísmo quer fazer Deus – tudo, e Deus todo: o pantiteísmo vê Deus em tudo e assim fica arredado do panteísmo e mais próximo da dualidade cristã, que reconhece Deus como distinto de tudo. Por isso é que este sistema não é panteísta mas pantiteísta, sem todavia neste sistema se declarar resolvido o problema da criação, que cremos ser uma incógnita.”²⁶

III

Antero de Quental (1842 - 1891)



VIDA:

Nasceu em Ponta Delgada, Açores, onde veio igualmente a falecer, por suicídio. Iniciou os seus estudos na sua cidade natal, mudando-se, aos 16 anos, para Coimbra, onde se formou em Direito. Notabilizando-se desde muito cedo, pela sua obra poética e pelas polémicas em que se envolve – é ele que espoleta a célebre “Questão Coimbrã” –, experimentou a vida de operário, trabalhando como tipógrafo – nomeadamente em Paris, em 1867. Desde sempre politicamente empenhado, foi um dos fundadores do Partido Socialista Português, tendo, em 1869, fundado o jornal *A República*, com Oliveira Martins. Em 1890, em reação ao Ultimato Inglês, preside à efêmera “Liga Patriótica do Norte”. Foi a grande figura da chamada “Geração de 70”.

OBRA:

- *Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX*, org., apres. e notas de Leonel Ribeiro dos Santos. Lisboa: Comunicação, 1989.
- *Filosofia*, “Obras Completas”, vol. III, org., introdução e notas de Joel Serrão. Lisboa: Univ. dos Açores/ Comunicação, 1991.
- *Política*, “Obras Completas”, vol. IV, organização, introd. e notas de Joel Serrão. Lisboa: Univ. dos Açores/ Comunicação, 1994.
- *Causas da decadência dos povos peninsulares*. Lisboa: Ulmeiro, 1996 (7ª).
- *Cartas I-II*, “Obras Completas”, vols. VI e VII, org., introd. e notas de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa: Univ. dos Açores/ Comunicação, 1989.
- *Novas cartas inéditas de Antero de Quental*, introd., org. e notas de Lúcio Craiveiro da Silva. Braga: UCP/FF, 1996.
- *Sonetos Completos*, prefaciados por J.P. de Oliveira Martins. Porto: Lello, 1987.
- AA.VV.
- *Antero de Quental, Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga: UCP/FF, 1991, t. XL-VIII/ 2.
- *Antero de Quental, Revista da História e das Ideias*. Coimbra: UC, 1991, nº 13.
- *Antero de Quental 1842-1891*, pref. de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa: BN, 1991.
- *Anthero de Quental: In Memoriam*, pref. de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa: Presença/ Casa dos Açores, 1993 (2ª).
- *Congresso Anteriano Internacional* (atas). Ponta Delgada: Univ. dos Açores, 1993.
- *Antero de Quental et l'Europe: actes du colloque*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1993.
- *Antero de Quental e o destino de uma geração* (atas do colóquio), org. e coord. de Isabel Pires de Lima. Porto: Asa, 1994.
- Carreiro, José Bruno
- *Antero de Quental: construção de uma biografia*. Lisboa: IN-CM, 2006.
- Carvalho, Joaquim de
- *Evolução Espiritual de Antero e outros escritos*. Angra do Heroísmo: Antília/ Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983.
- Catroga, Fernando
- *Antero de Quental: História, Socialismo, Política*. Lisboa: Notícias, 2001.
- Cidade, Hernâni
- *Antero de Quental*. Lisboa: Presença, 1988 (2ª).
- Coimbra, Leonardo

²⁷ Cf. PFLC, p. 17.

²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 34. Daí, cumulativamente, a sua referência aos “homens que em Portugal reflectem desde Antero, neste dramático mas tão sério esforço do pensamento pela verdade” (cf. PFLCOT, p. 50).

²⁹ *Ensaio*, p. 308. Daí ainda estas suas palavras: “diferente dos homens de intento meramente culturalista, seja Verney, seja Herculano, teve ele [Antero] o sentido da verdadeira actividade do espírito, aquela de que a filosofia não é uma peça, como a de um relógio, mas o conceito e a expressão universal” (PFLC, pp. 17-18).

³⁰ Cf. *Obras de Fernando Pessoa*. Porto: Lello & Irmãos, 1986, p. 1158.

³¹ Cf. Joel Serrão, *Temas de Cultura Portuguesa*, II. Lisboa: Horizonte, 1989, p. 147.

³² Cf. Teixeira de Pascoaes, *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987, p. 143. Sendo esta uma caracterização, na ótica de Pascoaes, maximamente positiva, nem sempre, contudo, Pascoaes manteve de Antero esta imagem – a este respeito, ver em particular: Maria das Graças Moreira de Sá, “A Imagem de Antero em Pascoaes”, in AA.VV., *Congresso Anteriano Internacional*. ed. cit., pp. 677-686.

³³ Cf. Teixeira de Pascoaes, *Arte de Ser Português*. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1978, pp. 96-97. Curiosamente não salientou Pascoaes o vislumbre anteriano do “casamento do Budismo e do Helenismo”, vislumbre a nosso ver bem mais visionário, por mais que inviável, dado que, como refere Marinho, por ele se pretende conciliar, tão-só, o “sentido da unidade do ser”, alegadamente próprio do budismo, com a “experiência e saber da variedade indefinida dos seres que a tradição europeia alcançou” (cf. NISOT, p. 575) – a este respeito, ver o nosso artigo “Os Caminhos do Oriente no pensamento português contemporâneo: entre José Marinho, Antero de Quental, Sampaio Bruno e Fernando Pessoa” (in AA.VV., *A Mente, a Religião e a Ciência*. Lisboa: CFUL, 2003, pp. 133-149; republicado in *Via Aberta: de Marinho a Pessoa, da Finisterra ao Oriente*. Lisboa: Zéfiro, 2009, pp. 75-93).

- *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*, apres., fixação do texto e notas de Paulo Samuel. Lisboa: Guimarães Ed., 1991.

Lourenço, Eduardo

- *A noite intacta: (i)recuperável Antero*. Vila do Conde: Centro de Estudos Anterianos, 2000/ Lisboa, Gradiva, 2007.

Magalhães, José Calvet

- *Antero, a vida angustiada de um poeta*. Lisboa: Bizâncio, 1998.

Martins, Ana Maria Almeida

- *O essencial sobre Antero de Quental*. Lisboa: IN-CM, 1997 (2ª rev.).

Pimentel, Manuel Cândido

- *Antero de Quental, uma filosofia do paradoxo*. Ponta Delgada: Instituto Cultural, 1993.

Ribeiro, Camilo

- *Arte e Estética em Antero de Quental*. Lisboa: Univ. Lusófona, 1995.

Sá, Joaquim Vítor Baptista Gomes de

- *Antero de Quental*. Porto: Limiar, 1977.

Santos, Leonel Ribeiro dos

- *Antero de Quental: uma visão moral do mundo*. Lisboa: IN-CM, 2002.

Serrão, Joel

- *Antero e a ruína do seu Programa*. Lisboa: Horizonte, 1988.

Silva, Lúcio Craveiro da

- *Antero de Quental: evolução do seu pensamento filosófico*. Braga: UM, 1992 (2ª rev.).

PENSAMENTO:

Segundo José Marinho, Antero de Quental foi um dos “precursores”²⁷, um dos que abriu “o caminho pelo qual seguiram Bruno e Leonardo”²⁸; ainda nas suas palavras: “Quando pensamos no latejar de aspirações de conhecimento e de existência digna e justa existente em Portugal, os nossos olhos (esses nossos olhos íntimos da inteligência e da compreensão) voltam-se para Antero. Não para Camões, nem para o Padre António Vieira, nem para Verney, nem para Herculano, mas para Antero. E porquê? Simplesmente porque Antero tem um mistério que mais importa perscrutar e uma luz que mais importa nos ilumine e esclareça.”²⁹.

Eis, igualmente, o que foi reconhecido por outros eminentes vultos da nossa tradição cultural e filosófica – caso, desde logo, de Fernando Pessoa, que qualificou Antero de Quental como “o precursor da actual corrente literária portuguesa”³⁰, chegando inclusivamente a afirmar: “Os sinais do nosso ressurgimento estão patentes para os que não vêem o visível. São o caminho de ferro de Antero a Pascoaes a nova linha que está quase construída”³¹. Teixeira de Pascoaes, por seu turno, não lhe ficou atrás, considerando que é em Antero de Quental – “o mais enlouquecido dos nossos poetas”³² –, como o qualificou, que se “começa a desenhar a ideia da Vida e do Universo da alma pátria”, desde logo por via do seu “vislumbre do casamento do Helenismo com o Cristianismo”³³.

De igual modo, Leonardo Coimbra defendeu o valor do pensamento anterior³⁴. Prova disso é essa sua obra publicada em 1921, *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*, por Marinho considerada como “um dos livros capitais de Leonardo Coimbra”, como uma “obra única do autêntico pensamento interpretativo em Portugal”³⁵, bem como uma série de artigos e de conferências que a respeito de Antero realizou. Defendendo em geral a “originalidade” de Antero, considerou-o um “peregrino do Infinito”, uma “alma dramática de interrogação”, “a mais religiosa alma das letras modernas”³⁶, na premissa de que “as verdadeiras almas religiosas são as almas de inquietação permanente”, aquelas que, por via disso, mais “estão em permanência com Deus”³⁷.

EXCERTOS:

- “A dita minha Filosofia não é original. É antes uma fusão (não amálgama) do Hegelianismo com a monadologia do Leibniz.”³⁸

- “Li depois muito de Hegel, nas traduções francesas de Vera (pois só mais tarde é que aprendi alemão). Não sei se o entendi bem, nem a independência do meu espírito me consentia ser discípulo: mas é certo que me seduziram as tendências grandiosas daquela estupenda síntese. Em todo o caso, o Hegelianismo foi o ponto de partida das minhas especulações filosóficas, e posso dizer que foi dentro dele que se deu a minha evolução intelectual.”³⁹

- “O meu amigo Oliveira Martins apresentou-me como um budista. Há, com efeito, muita coisa em comum entre as minhas doutrinas e o Budismo, mas creio que há nelas mais alguma coisa do que isso. Parece-me que é esta a tendência do espírito moderno que, dada a sua direcção e os seus pontos de partida, não pode sair do naturalismo, cada vez em maior estado de bancarrota, senão por esta porta do psicodinamismo ou pampsiquismo. Creio que é este o ponto nodal e o centro de atracção da grande nebulose do pensamento moderno, em via de condensação. Por toda a parte, mas sobretudo na Alemanha, encontram-se claros sintomas desta tendência. O Ocidente produzirá, pois, por seu turno, o seu Budismo, a sua doutrina mística definitiva, mas com mais sólidos alicerces e, por todos os lados, em melhores condições do que o Oriente.”⁴⁰

³⁴ Segundo José Marinho, eis o que se deveu à “profunda afinidade” existente entre Leonardo e Antero, “afinidade” essa que, não obstante ser “profunda”, ou por isso mesmo, “coexiste e se instrumenta com um sentido de diferença e de divergência” – ainda nas suas palavras: “Em que consiste aquela afinidade? Na ideia, comum a ambos, de que o conhecimento não terá como seu tipo a sensível representação, mas sim a apreensão íntima e reflexiva do espírito e do seu processo./ Em que consiste a diferença? Em Antero aceitar, ao contrário de Leonardo Coimbra, e simultaneamente com aquela ideia, a concepção de uma razão imóvel e absoluta, que é hoje como foi sempre, e que será sempre igual a si mesma.” (PFLC, p. 58). Cf., igualmente, VCD, p. 121: “No livro decisivo e central de toda a sua obra [*A Alegria, a Dor e a Graça*] parte o filósofo da consideração do homem e da alma humana perante o Ser para subir à meditação e contemplação do Absoluto. Para ele, porém, convém acentuar, não há absoluto sem relação. Isso o distingue de Antero [...]”.

³⁵ Cf. PFLC, p. 93: “É este um dos livros capitais de Leonardo Coimbra. Obra única do autêntico pensamento interpretativo em Portugal, representa ela o grau mais elevado de compreensão atingido perante qualquer pensador português”. Cf., igualmente, LNOT, p. 120, n.1: “Já tive a ocasião de dizer, e muito a sério, após longo exame dos vários estudos, que o livro de Leonardo Coimbra *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental* se encontra em valor e significado muito à frente de tudo o mais”.

³⁶ Cf. “Excertos do Discurso de Leonardo Coimbra sobre Antero”, in *ibidem*, p. 150.

³⁷ Cf. “Discurso de homenagem a Antero de Quental”, in *Diário dos Açores*, 2/5/1929; *Dispersos I*, ed. cit., p. 255; *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*, ed. cit., p. 153.

³⁸ *Cartas II*, ed. cit., p. 761.

³⁹ *Ibidem*, p. 834.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 839.



IV

Teófilo Braga (1843 - 1924)

⁴¹ Cf. VCD, p. 292.

⁴² Cf. Álvaro Ribeiro, *Os positivistas*. Lisboa: Distribuidora Livraria Popular de Francisco Franco, 1951, p. 63. Cf., igualmente, *Ibidem*, pp. 72 e 77.

⁴³ Cf. *Ibidem*, p. 65.

⁴⁴ Cf. *Ibidem*, p. 133.

⁴⁵ Cf. *Ibidem*, p. 145.

⁴⁶ Cf. *Ibidem*, p. 138.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, p. 58; cf., igualmente, *Ibidem*, p. 116.

⁴⁸ Sobre esta fase, ver em particular o artigo de Rodrigo Sobral Cunha, "Teófilo o jovem", NOVA ÁGUA: REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI (nº 6, 2º semestre de 2010).

VIDA:

Nascido em Ponta Delgada, foi em Coimbra que concluiu os seus estudos secundários e onde se veio a formar em Direito, área em que se doutorou. Fixou-se depois em Lisboa como advogado, tendo sido um dos doze signatários do programa das célebres "Conferências Democráticas do Casino Lisbonense". Em 1878, funda e dirige, com Júlio de Matos, a revista *O Positivismo*. Nesse ano, concorre ainda a deputado às Cortes da Monarquia Constitucional Portuguesa, nas listas dos republicanos federalistas, tendo depois ocupado vários lugares de destaque nas estruturas do Partido Republicano Português. Instaurada a República, foi o primeiro Presidente do Governo Provisório (05.10.1910 – 03.09.1911) e, entre maio e agosto de 1915, Presidente da República, recusando sempre todas as honrarias inerentes ao cargo. Falecido em Lisboa, foi a figura maior do Positivismo em Portugal.

OBRA:

- *História das Ideias Republicanas em Portugal*, pref. de Roque de Azevedo. Lisboa: Vega, 1983.

- *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: IN-CM, 1984, 4 vols.

- *Poesia do Direito. Origens Poéticas do Cristianismo. As Lendas Cristãs*, pref. de Maria da Conceição Azevedo. Lisboa: IN-CM, 2000.

- *Discursos sobre a constituição política da república portuguesa*, prefácio e cronologia de Carlos Consiglieri. Lisboa: Setecaminhos, 2007. AA.VV.

- *Sílvio Romero e Teófilo Braga* (atas do III Colóquio Tobias Barreto). Lisboa: IFLB, 1996.

Homem, Amadeu de Carvalho

- *A ideia republicana em Portugal: o contributo de Teófilo Braga*. Coimbra: Minerva, 1989.

PENSAMENTO:

Se José Marinho sempre viu na sua obra "algo mais" do que um "positivismo cego ou estreito" ⁴¹, Álvaro Ribeiro foi ainda mais longe, em particular na sua obra *Os positivistas*, em que lhe dedica um capítulo, onde reitera que Teófilo Braga nunca foi um "positivista ortodoxo" ⁴², antes aspirou à "formação, dentro do positivismo, de uma escola tipicamente portuguesa" ⁴³, aspiração essa em que Álvaro Ribeiro apreende "a primeira tentativa de formular a filosofia portuguesa" ⁴⁴. Daí ainda o tê-lo considerado como um "grande patriota" ⁴⁵, como aquele que "entreviu", ainda que em "contornos indecisos", a "originalidade do pensamento português" ⁴⁶, daí ainda, enfim, o tê-lo qualificado como "o mais poderoso obreiro da literatura portuguesa na segunda metade do século XIX" ⁴⁷. Em suma, para os dois mais insignes hermeneutas da Filosofia Portuguesa, Teófilo Braga é um autor a valorizar – não apenas na primeira dita "fase romântica", em que por influência de Michelet, Vico e Hegel, entre outros, se dedicou mais expressamente às tradições nacionais ⁴⁸, mas inclusivamente na sua posterior dita "fase positivista", dado que, mesmo aí, recordando as palavras de Álvaro Ribeiro, aspirou à "formação, dentro do positivismo, de uma escola tipicamente portuguesa".

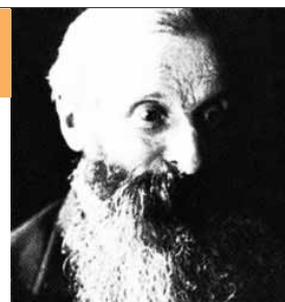
EXCERTOS:

- “No organismo social, a consciência é conhecida pelo nome de *Nacionalidade*; ela está ligada a impressões profundas, de uma persistência tenacíssima, até ao ponto de já não existir nenhuma forma material de nação, e ainda se conserva esse sentimento, como se vê com o Judeu. As impressões que perpetuam essa consciência nacional são o objecto das tradições, são o proselitismo religioso, são a dedicação altruísta do civismo, por onde se revela a vida histórica de um povo.”⁴⁹

- “O génio e a missão histórica do povo português revelam-se na deslocação das civilizações do Mediterrâneo para o Atlântico, e pela audaciosa actividade marítima, com que iniciaram a era nova de civilização pacífica e industrial. Todas as investigações do nosso passado histórico devem dirigir-se a este fito: mostrar como logicamente cumprimos esse destino, encetando as grandes navegações, e como se deve perpetuar na marcha da humanidade o lugar de honra que nos compete.”⁵⁰

⁴⁹ *In Traços Gerais de Filosofia Positiva*. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1877, p. 8.

⁵⁰ *In As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*. Porto: Ernesto Chardon, 1892, II, p. 345.

V**Guerra Junqueiro (1850 - 1923)****VIDA:**

Nascido em Freixo de Espada à Cinta (Trás-os-Montes), realizou os estudos preparatórios em Bragança. Em 1866, matricula-se no Curso de Teologia da Universidade de Coimbra, transferindo-se, dois anos após, para o Curso de Direito. Foi, depois, alto funcionário administrativo, político, deputado e jornalista, mas notabilizou-se, sobretudo, enquanto poeta. Falecido em Lisboa, foi o poeta mais popular da sua época e a sua poesia promoveu, em muito, o ambiente revolucionário que conduziu à instauração da República.

OBRA:

- *Obras de Guerra Junqueiro: Poesia*, organização e introdução de Amorim de Carvalho. Porto: Lello, 1974 (2ª).

- *Oração ao Pão/ Oração à Luz*, introdução de Pinharanda Gomes. Porto: Lello, 1997.

- *Prosas Dispersas*. Porto: Lello, 1978. AA.VV.

- *Guerra Junqueiro e a Modernidade* (atas do colóquio). Porto: UCP, Centro Regional do Porto/ Lello, 1998.

- *A Música de Junqueiro*, coord. de Henrique Manuel S. Pereira. Porto: UCP, 2009. Azevedo, António

- *Guerra Junqueiro: modernidade e palinódia*. Porto: Lello, 2001.

Carvalho, Amorim de

- *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*. Porto: Lello, 1998 (2ª).

Coimbra, Leonardo

- *Guerra Junqueiro*, nota prévia, organização e fixação do texto de Paulo Samuel. Porto: Lello/ UCP, 1996.

Franco, António Cândido

- *A Epopeia Pós-Camoniã de Guerra Junqueiro*. Lisboa: Gazeta do Mundo de Língua Portuguesa, 1996.

⁵¹ Cf. Sampaio Bruno, *A Ideia de Deus*, ed. cit., p. 245: "Conexo com a interpretação do pecado original... de Deus, com a definição imprevista do Demônio, Guerra Junqueiro ascendeu a culminâncias transcendentais em sua doutrina da moral cósmica".

⁵² Daí, a título de exemplo, estas suas palavras: "Sampaio Bruno não tem nada com a Maioria: é um ser à parte, pelo que trouxe de alma e sabedoria ao nosso meio." ("Carta a Álvaro Pinto", in *Águia*, 48, 1915, p. 198).

⁵³ Cf. VCD, p. 287. Eis, aliás, a tese que Marinho desenvolveu em diversas passagens da sua obra – a título de exemplo, atentemos nestas: "A meditação de Junqueiro acompanha de perto a meditação de Bruno, o movimento de alma aparece similar nos dois íntimos amigos e irmãos espirituais, aqueles homens, sem dúvida, que contra todo o esperado e sabido, mais longe se adiantaram, desde o nosso abortado renascimento e antes da nova *Renascença Portuguesa*, pelos caminhos da meditação do homem e do seu universal destino."; "o filósofo de *A Ideia de Deus* e o poeta das *Orações* são aqueles propositores do difícil enigma e da imperiosa verdade cuja caminhada os homens da *Renascença Portuguesa* logo prosseguiram." ("Poesia e Verdade em Guerra Junqueiro", in *NISOT*, pp. 576-577); "Lendo-o atentamente, cremos nele surpreender a cisão divina, o pecado original de Deus criador sob o pecado da criatura [...] VCD, p. 287); "na vida espiritual portuguesa, tal qual foi, tal qual é, ele [Junqueiro] representa, com Sampaio Bruno, algo de grave entre o mais grave: a assumpção da negatividade." (*ibidem*, p. 288). Ainda segundo Marinho, tal a "tarefa" que ambos tinham herdado de Antero de Quental: "o Absoluto ficaria neste nosso pensador crucial [em Antero] numa forma clássica, pretérita, como Unidade do ser enquanto ser. Para os poetas e pensadores seguintes, nomeadamente Guerra Junqueiro e ainda também Sampaio Bruno, transitaria a grave, a imensa dificuldade, se é bem certo que tudo quanto se concebe como unidade (toda a unidade resulta afinal aleatória) se devolve necessariamente não só à diversidade do idêntico, mas à multiplicidade ou à relação do uno-múltiplo insolúvel." (*ibidem*, pp. 54-55). Ainda segundo o próprio Marinho, foi, contudo, Bruno que melhor cumpriu essa "tarefa": "Sampaio Bruno é o nosso primeiro filósofo da negação e da negatividade. Já vimos como tudo quanto em nome de Deus ou do homem se afirmara vai ele procurar derrocá-lo desde os fundamentos. Já vimos como a própria ideia tradicional de Deus é por ele posta gravemente em questão. A sátira do seu grande amigo e convivente Guerra Junqueiro, se comparada à negação de Bruno e à visão que a consente, afigura-se-nos hoje, embora fundamentalmente significativa, muito mais aleatória e episódica na forma que assumiu." (*ibidem*, p. 88). Apesar desta visão mais distanciada – que tem como momento contrapolar a "junqueirianite aguda" confessada numa carta a Régio (cf. Cor., p. 156) –, nunca deixou, porém, Marinho, de considerar Junqueiro como um dos "homens verdadeiramente grandes do nosso país" (cf. *NISOT*, p. 559). Por mais que lhe tivesse faltado a "unidade interna da obra" (cf. *ibidem*, p. 569), por mais que "o poeta tenha ficado muito atrás do filósofo" (cf. VCD, p. 288), foi Junqueiro, ainda nas palavras de Marinho, "um daqueles poetas cada vez mais raros que ligam o céu à terra e nos forçam a olhar outra face matinal dos seres e das coisas" (cf. "Guerra Junqueiro na hora do centenário", in *Jornal Magazine da Mulher*, nº 4, setembro de 1950). Daí, enfim, o considerá-lo como "um enigma para a crítica e para a história literária" (cf. TP, p. 499; cf., igualmente, *ibidem*, p. 502: "Junqueiro continua enigmático. Ficá-lo-á para sempre – o que nos parece bem").

⁵⁴ Apesar de Marinho privilegiar a relação de Bruno com Junqueiro, não deixa igualmente de assinalar "afinidades espirituais" entre Bruno e outros poetas, nomeadamente – para além dos casos óbvios de Antero, Pascoaes e Pessoa –, António Nobre e Gomes Leal (cf. VCD, p. 136 (n.1)).

⁵⁵ Joel Serrão, *Sampaio Bruno – o Homem e o Pensamento*. Lisboa: Horizonte, 1986, p. 170.

⁵⁶ Cf. Álvaro Ribeiro, *Sampaio (Bruno)*. Lisboa: Edições SNI, 1947., p. 20.

⁵⁷ Álvaro Ribeiro, *A Arte de Filosofar*, Lisboa: Portugalia, 1955, p. 179.

⁵⁸ Cf. Álvaro Ribeiro, *Os Positivistas*, ed. cit., p. 166.

- *O Essencial sobre Guerra Junqueiro*. Lisboa: IN-CM, 2001.

Pereira, Henrique Manuel S.

- *Guerra Junqueiro: percursos e afinidades*, pref. de J. Pinharanda Gomes. Lisboa: Roma, 2005.

PENSAMENTO:

No plano filosófico, Guerra Junqueiro salientou-se pela defesa de uma "moral cósmica", visando a preservação da integridade de todos os seres, que não apenas humanos, facto que, em particular, foi enaltecido por Sampaio Bruno ⁵¹. Esta admiração de Bruno por Junqueiro – e de Junqueiro por Bruno, refira-se ⁵² – motivou, aliás, uma "irmandade espiritual" – expressão de José Marinho ⁵³ – que se veio a concretizar numa série de profundas afinidades existentes entre as duas obras ⁵⁴, conforme já foi, aliás, salientado por diversos hermeneutas do pensamento português contemporâneo, nomeadamente por Joel Serrão – daí, a título de exemplo, estas suas palavras: "Guerra Junqueiro não foi apenas o confidente de longos anos, mas o poeta 'genial' que exprimiu literariamente os anseios de ambos. Bruno e Junqueiro são, sem dúvida alguma e em muitos aspectos, o anverso e o reverso de um mesmo núcleo de intenções, vivências, aspirações. O percurso que vai de *A Velhice do Padre Eterno às Orações*, passando pela *Pátria*, é paralelo do que tem início na *Análise da Crença Cristã*, passa pelo *Manifesto dos Emigrantes* e termina em *A Ideia de Deus* e em *O Encoberto*. E pena foi que não tivesse passado de projecto longamente acariciado o tratado metafísico do poeta das *Orações* [...] ⁵⁵.

Na esteira de José Marinho, considerou Álvaro Ribeiro que "Sampaio Bruno, filósofo, encontrou em Guerra Junqueiro o poeta que lhe deveria corresponder" ⁵⁶. Indo um pouco mais longe do que Joel Serrão, defendeu o autor d' *O Problema da Filosofia Portuguesa* que as profundas afinidades existentes entre as duas obras derivam de uma mesma visão do "drama cósmico" – nas suas próprias palavras: "Entre Sampaio Bruno e Guerra Junqueiro a semelhança de pensamento filosófico não está oculta, nem é renegada, pela diferença das expressões literárias. Ambos, pensadores evolucionistas, dividem o drama cósmico em três actos: no primeiro o mistério insondável, de que as teogonias oferecem o exemplo passado; no segundo, de que a humanidade está sendo espectadora e actora, cruza-se a dor com o amor, vão diminuindo o erro e o mal; no terceiro, com o esperado advento da figura messiânica, dar-se-á o regresso ao homogéneo absoluto ou à unidade do ser." ⁵⁷. Alargando significativamente o âmbito dessa série de afinidades, e de influências, considerou ainda o autor d' *A Arte de Filosofar* que a "mensagem poética de Guerra Junqueiro" originou "um movimento de renascimento na poesia portuguesa" ⁵⁸, sobretudo pela influência que terá exercido em autores como Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa.

Que Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes tenham sido sensíveis à “mensagem poética de Guerra Junqueiro”, sobre isso não há a menor dúvida – daí Fernando Pessoa ter chegado a considerar a poesia junqueiriana como “uma das maiores poesias metafísicas do mundo”⁵⁹, daí Teixeira de Pascoaes ter igualmente assumido, de forma inequívoca, a sua dívida para com o autor das *Orações* – nas suas palavras: “Teria uns quinze anos quando li os versos de Junqueiro [...]. Abriu-se em mim, de súbito, uma janela para a luz. Fiquei para sempre deslumbrado!”⁶⁰. Mas a série não fica por aqui. Do mesmo modo que, como escreveu António Braz Teixeira, o “panteísmo transcendente” de Guerra Junqueiro, e de Sampaio Bruno, “iria ser uma das matrizes essenciais do pensamento poético-filosófico de Teixeira de Pascoaes”⁶¹, o mesmo acontece, na nossa perspetiva, com o pensamento filosófico, também poético, de Leonardo Coimbra⁶², não só, desde logo, a respeito da sua conceção de “Deus” – também por Guerra Junqueiro definido como “Infinito Amor”⁶³ – como, sobretudo, a respeito da sua conceção de “Dor”, sobre a qual escreveu: “A dor eleva, a dor exalta, a dor diviniza.”; “A dor é a escada de fogo que nos conduz à vida eterna.”⁶⁴. Por isso, por tudo isso, é, sem dúvida, Guerra Junqueiro um dos autores mais marcantes do nosso pensamento e um dos exemplos mais representativos da tendência antiantropocêntrica que, segundo José Marinho, caracteriza o pensamento português contemporâneo.

EXCERTOS:

- “Enganam-se os que vão para Deus voltando as costas à natureza. Quem se quiser salvar há-de salvar os outros. Quem renegar a natureza, renega Deus. A ascese egoísta é anticristã. O quietismo beato, apagando o universo, apaga Deus. Quietismo e niilismo – dois zeros, dois sinónimos. O frade tenebroso, na concha da mão exangue e paralítica, sustenta uma caveira. É o nada olhando o não ser. O monge radiante (S. Francisco) na dextra poderosa, em vez de caveira, tem um globo de oiro constelado, onde se ergue uma cruz. Tem o Universo e Deus.”⁶⁵

- “Só chegam a Deus os que levam no coração, como um filho gemendo, o Universo inteiro. Os que transportam no seu amor, banhando-o de lágrimas, a dor infinita da natureza.”⁶⁶

⁵⁹ Cf. *Obras de Fernando Pessoa*, ed. cit., II, p. 1179.

⁶⁰ “Duas Palavras [sobre Junqueiro], in *A Águia*, nºs 13-14, 1923, p. 55. Marinho, aliás, considera que “a mais profunda herança de Junqueiro vai passar para Teixeira de Pascoaes” (cf. *NISOT*, p. 557). Daí ainda, nesta esteira, estas suas palavras: “O génio que em Pascoais como nos seus pares admiramos é aquele que herda uma linha que o prepara.” (*NISOT*, p. 149; cf., igualmente, “Junqueiro e Pascoais”, in *TP*, pp. 256-257).

⁶¹ Cf. António Braz Teixeira, *Deus, o Mal e a Saudade*, ed. cit., p. 44.

⁶² O autor d’ *A Alegria, a Dor e a Graça* foi, aliás, um dos primeiros a reconhecer o valor filosófico da obra junqueiriana, e a reconhecer-se nela – daí os múltiplos textos que lhe dedicou (a maior parte deles reunidos em: *Guerra Junqueiro*, nota prévia, org. e fixação do texto de Paulo Samuel. Porto: Lello/UCP, 1996). A respeito da relação entre Junqueiro e Leonardo, ver ainda: Manuel da Costa Freitas, “Guerra Junqueiro no pensamento de Leonardo Coimbra”, in AA.VV., *Guerra Junqueiro e a Modernidade* (atas do colóquio), ed. cit., pp. 69-77.

⁶³ Cf. *Prosas Dispersas*, ed. cit., p. 87.

⁶⁴ *Ibidem*, pp. 10 e 70, respetivamente.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 61.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 84.



VI

Sampaio Bruno (1857 - 1915)

VIDA:

Nascido no Porto com o nome de José Pereira de Sampaio, assume, em homenagem a Giordano Bruno, o nome literário de "Sampaio Bruno". Autodidata, foi uma figura cimeira do seu tempo. Combatente pelo ideário republicano, integrou o Diretório do Partido Republicano Português, tendo também fundado vários semanários portuenses. Com Antero de Quental e Basílio Teles, redigiu os estatutos da "Liga Patriótica do Norte". Participou na fracassada Revolta Republicana de 31 de janeiro de 1891, de cujo Manifesto foi redator, exilando-se depois em Paris com João Chagas. Regressando a Portugal em 1893, publicou as *Notas do Exílio*. Em 1898, publicou *O Brasil Mental*, em que desenvolveu a sua crítica ao positivismo contemporâneo. Em 1902, ano em que também publicou *A Ideia de Deus*, rompe com Afonso Costa, abandonando então o Partido Republicano Português. Em 1909, foi nomeado diretor da Biblioteca Pública Municipal do Porto, cargo que manteve após a Proclamação da República, até à sua morte, no seguimento duma intervenção cirúrgica.

OBRA:

- *Análise da Crença Cristã (estudos críticos sobre o cristianismo)*. Porto: Arthur José de Sousa, 1874.
- *A Geração Nova*. Porto: Lello, 1984 (2ª).
- *Notas do Exílio*. Lisboa: Lello, 1986 (2ª).
- *Os Modernos Publicistas Portugueses*. Porto: Lello, 1987 (2ª).
- *A Ditadura*, pref. de Cecília Barreira. Lisboa: Rolim, 1987 (2ª).
- *Plano de um Livro a Fazer: Os Cavaleiros do Amor ou a Religião da Razão*, org., posf. e notas de Joaquim Domingues. Lisboa: IN-CM, 1996 (2ª).
- *O Brasil Mental*: esboço crítico, pref. de António Telmo. Porto: Lello, 1997 (2ª).
- *A Ideia de Deus*, pref. de Pinharanda Gomes. Porto: Lello, 1998 (3ª).
- *O Encoberto*, pref. de Joaquim Domingues. Porto: Lello, 1999 (3ª).
- *Portuenses Ilustres*, ed. de Paulo Samuel. Porto: Caixotim, 2003, 3 vols.
- *Teoria Nova da Antiguidade*, org. de Joaquim Domingues, apres. de Pedro Sinde. Lisboa: IN-CM, 2004 (2ª).
- *Dispersos I* (1872-1879), pref., e fixação do texto, notas e org. de Afonso Rocha, recolha de Joaquim Domingues e José Cardoso Marques. Lisboa: IN-CM, 2008.
- *Dispersos II* (1880-1884), pref. de António Braz Teixeira, fixação do texto, notas e org. de Afonso Rocha, recolha de Joaquim Domingues e José Cardoso Marques. Lisboa: IN-CM, 2011. AA.VV.
- *Colóquio Antero de Quental dedicado a Sampaio Bruno*. Aracaju: Fund. Augusto Franco/ SEC, 1995.
- *Nova Renascença* (nº dedicado a Sampaio Bruno). Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1995, 58/59.
- Carvalho, Amorim de
- *O Positivismo Metafísico de Sampaio Bruno*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 1960/ Lisboa: Fundação Lusíada, 2001.
- Domingues, Joaquim
- *O Essencial sobre Sampaio (Bruno)*. Lisboa: IN-CM, 2002.
- Gama, Manuel
- *O Pensamento de Sampaio Bruno: contribuição para a História da Filosofia em Portugal* (TD-UM). Lisboa: IN-CM, 1994.
- Pereira, Sara Marques

- *O pensamento pedagógico de Sampaio Bruno: a ideia de educação para a República*. Lisboa: IN-CM, 2007.

Rocha, Afonso

- *O Mal no Pensamento de Sampaio Bruno: uma filosofia do mistério e da razão* (TD-UCP, 2003). Lisboa: IN-CM, 2006, 2 vols..

- *O mal e o misticismo idealista em Sampaio Bruno* (TM). Porto: UCP, 1996.

- *Natureza, Razão e Mistério: para uma leitura comparada de Sampaio (Bruno)*. Lisboa: IN-CM, 2009.

- *A Gnose de Sampaio Bruno*. Lisboa: Zéfiro, 2009.

Serrão, Joel

- *Sampaio Bruno: o Homem e o Pensamento*. Lisboa: Horizonte, 1986.

Varela, Maria Helena

- *"Sofia" e "profecia" na filosofia da história de Sampaio Bruno* (TM-UP, 1989). Porto: Biblioteca Pública Municipal, 1990.

PENSAMENTO:

No entender de José Marinho, o que essencialmente caracteriza o pensamento do autor d' *A Ideia de Deus* é a sua heterodoxia. Marinho chegou, aliás, a qualificar a concepção brunina como a "concepção mais heterodoxa da filosofia portuguesa"⁶⁷ – ainda nas suas palavras: "O pensamento de Sampaio Bruno é essencialmente heterodoxo. Constitui uma teurgia messiânico-profética que deve distinguir-se tanto da teologia como da metafísica consideradas clássicas e exemplares."⁶⁸ Nesta primeira instância de caracterização, é, de resto, Marinho consonante com a maior parte dos intérpretes do pensamento de Bruno – os quais, de forma mais ou menos expressa, salientam de igual modo esse carácter "heterodoxo" da obra brunina⁶⁹.

Ainda segundo Marinho, consubstancia-se essa heterodoxia num duplo sentido: "Pensador essencialmente heterodoxo, é-o Sampaio Bruno em dois sentidos. É-o não apenas em relação à teologia cristã e à metafísica clássica não messiânica, não profética, não dinâmica, não redentorista, mas também, e por razões já as mesmas já diversas, a uma concepção evolucionista ou dialéctica cingidas nas relações entre o homem e o mundo visível ou análogo proximamente do que vemos e experimentamos"⁷⁰; "O pensamento de Sampaio Bruno é, como se sabe, essencialmente heterodoxo. Tal deve entender-se em dois sentidos. Heterodoxo é o pensamento de Bruno em relação à ortodoxia católica. Heterodoxa é também a sua *teurgia profética* em relação à ortodoxia humanista, ou humanitária, que se formou, como irmã inimiga, na sequência da primeira"⁷¹.

Não se consubstanciou, porém, essa dupla heterodoxia numa mera "carnificina de sistemas", para retomarmos a já consagrada expressão de Eduardo Lourenço⁷². Segundo o próprio José Marinho, "na sua oposição ao moderno evolucionismo progressista e ao humanismo satisfeito, ele [Bruno] descerrou o segredo profundo daquilo mesmo a que teve de opor-se", da mesma forma que, na sua oposição à ortodoxia católica, "assegurou melhor o caminho do autêntico, profundo e velado cristianismo do que muitos cristãos de satisfeito saber e formal observância"⁷³. E por isso defendeu ainda Marinho que "a heterodoxia de Bruno implica a descoberta de um sentido do cristianismo verdadeiramente universal que é raro nos cristãos de qualquer ortodoxia", "o sentido de uma evolução mais funda que a dos evolucionistas", um conceito de homem "mais íntegro e mais viável que a dos humanitários progressistas"⁷⁴.

⁶⁷ Cf. *Estudos*, p. 95. A par da de Pascoaes – ainda nas palavras de Marinho: "na linha dos nossos heterodoxos são Pascoais e Bruno os maiores pela profundidade das obras, e ainda os mais significativos pelos remotos laços que estabeleceram com uma tradição milenária de poetas e pensadores dos mais raros caminhos. Por outro lado, são bem cristãos, bem nobremente religiosos no âmago da sua mesma heterodoxia, sem o qual não tanto valeriam." (*Estudos*, p. 61). Daí ainda o falar de uma "profunda afinidade espiritual" ou de uma "relação muito íntima" (cf. *ibidem*, pp. 60-61).

⁶⁸ *VCD*, p. 82.

⁶⁹ Assinale-se, desde logo, o caso de Joel Serrão, que considerou ser a "heterodoxia de raiz" a primeira das "coordenadas fundamentais do esforço especulativo de Bruno" (cf. *Sampaio Bruno: o Homem e o Pensamento*, ed. cit., p. 59).

⁷⁰ *VCD*, p. 83. Em nota, é-nos referido ainda: "Toda a concepção filosófica de carácter antropocosmológico é por Bruno visada, podendo dizer-se que legou ao futuro os elementos para a invalidar".

⁷¹ *Estudos*, p. 91. Daí ainda o ter considerado Bruno "a mil léguas da tradição visível e mais explícita do cristianismo como da ontologia tradicional e da metafísica clássica" (cf. *VCD*, p. 135).

⁷² Cf. "Nota a uma apologia de Sampaio Bruno", in *O Comércio do Porto*, 29/1/1957.

⁷³ Cf. *Estudos*, p. 84.

⁷⁴ Cf. *ibidem*, p. 91.

⁷⁵ Que José Pereira de Sampaio adotou em homenagem a “um dos filósofos mais revolucionários do Ocidente” (cf. *VCD*, p. 88), esse “mártir do livre-pensamento” [cf. *Estudos*, p. 85]: Giordano Bruno. Filósofo que, de resto, não foi apenas fonte de inspiração para Bruno – ainda nas palavras de Marinho: “A referência a Giordano Bruno é frequente nos nossos filósofos e escritores de ideias até Leonardo Coimbra [...]”. Significativas, para além das de Bruno e Leonardo Coimbra, são as referências de Antero, Cunha Seixas e Delfim Santos.” (*VCD*, p. 261 (n.1)). Cf., igualmente, *FP*, p. 396: “Giordano Bruno é, para pensadores materialistas, e não só para esses, o primeiro dos filósofos modernos, não Descartes, um francês nacionalista, unilateral na sua generalidade francesa. Mostrou-o há anos entre nós Delfim Santos”.

⁷⁶ Cf. *VCD*, p. 83.

⁷⁷ Cf. *Ibidem*, p. 82. Daí ainda o tê-lo qualificado como “o nosso grande visionário ‘encoberto’ e herético” (cf. *Cor.*, p. 119), como “filósofo das estranhas vias e das estranhas viagens” (cf. *VCD*, p. 82), como “moderno representante dos gnósticos” (cf. *Estudos*, p. 59; cf., igualmente, *ibidem*, p. 84), cuja “inspiração vem de longe, não da luminosa tradição teológica e filosófica, mas da tradição secreta” (cf. *ibidem*, p. 59; cf., igualmente, *ibidem*, p. 83). Daí, enfim, a este respeito, a referência marinhiana à “velha sabedoria de que lhe coube ser intérprete” (cf. *VCD*, p. 86).

⁷⁸ Cf. *ibidem*, p. 83. Cf., igualmente, *NISOT*, p. 223: “Sampaio Bruno, homem genial como poucos na Europa do seu tempo [...]”.

⁷⁹ Cf. *Estudos*, pp. 57-58. Conjuntamente com a obra poética de Guerra Junqueiro – ainda nas palavras de Marinho: “Como Sampaio Bruno em filosofia, assim Junqueiro representa a mais inspirada e mais ampla forma da poesia no trânsito do Século XIX para o presente século.” (“Poesia e Verdade em Guerra Junqueiro”, in *NISOT*, p. 571).

⁸⁰ Cf. *Doc. II*, p. 16. Daí ainda estas suas palavras: “A Sampaio Bruno cabe, neste ponto como noutros, a glória de ter primeiro visto a essência imperitura sob as aparências transitivas. E por isso, também aqui, sua visão, sempre informada pelos mais subtis elementos do saber, como atenta à melhor tradição religiosa e política, do mesmo passo que mostra os limites e a inviabilidade da conceção da vida e da história em Herculano com em Oliveira Martins, alcança o mais fundo.” (*NISOT*, p. 196).

⁸¹ Cf. *Estudos*, p. 61. Daí ainda estas suas palavras: “nenhuma obra pode entre nós igualar a de Bruno. E nenhuma pode igualá-la porque ela abrange, em seu percurso, durante quase meio século, os extremos entre os quais se trava o debate que, sob certo aspecto, é do século XIX e dos nossos dias, e que, sob outro aspecto, é, por certo, tão velho e tão longo quanto as interrogações do homem, o mesmo homem e a própria filosofia.” (*Ibidem*, p. 57).

⁸² Cf. *NISOT*, p. 523: “Sampaio Bruno [é] um daqueles grandes homens de Portugal cuja obra é absolutamente indispensável para nos conhecermos bem no nosso passado, como também no nosso presente, senão ainda nas nossas possibilidades de futuro”.

⁸³ *A Ideia de Deus*, ed. cit., p. 209.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 201.

Daí, em suma, para José Marinho, toda a importância de Sampaio Bruno para o pensamento português contemporâneo – fazendo jus ao seu apelido⁷⁵, o autor d’ *A Ideia de Deus* “antecipa com seu pensar ao mesmo tempo difuso e concentrado algumas das formas mais autênticas da filosofia e dos caminhos da nossa época”⁷⁶. E por isso o considerou como “o mais profundo dos nossos filósofos críticos e o mais excessivo”⁷⁷, tendo chegado a escrever que “difícil será encontrar em qualquer parte pensamento mais audacioso e mais original do que o deste homem tímido e embaraçado”⁷⁸, e por isso nos disse ainda, a respeito da sua obra, que ela se constitui como “a mais significativa expressão do drama espiritual do homem moderno no trânsito do século XIX para o presente”⁷⁹, tendo inclusivamente afirmado que “a sua obra só por si vale todo o século XIX, perante ela empalidece tudo quanto a grande geração de Antero ou Oliveira Martins fez”⁸⁰, assumindo-se, nessa medida, como “o ‘juízo final’ do nosso século XIX”⁸¹ e, nessa medida ainda, como uma das pontes para o nosso futuro⁸².

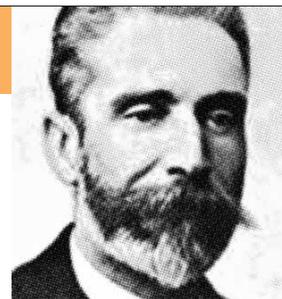
EXCERTOS:

- “Amorim Viana, consoante outros filósofos de análoga ou congénere filosofia, ensina assim: ‘O mal não tem essência real.’/ Este, porém, é o erro basilar de todas as metafísicas, se exceptuarmos as pessimistas, que enfermam de outro engano.”⁸³

- “Na penúria filosófica ou, antes, na opulência virtual da filosofia, é de cuidar que no princípio era o homogéneo, e o homogéneo estava com Deus, e o homogéneo era Deus. O homogéneo era infinito e invariável, permanente e contínuo, absoluto e necessário [...]. Este homogéneo, contínuo, infinito, absoluto, necessário não permanece, porém. E este é o mistério indecifrável: porque e como é que isto foi.”⁸⁴

VII

Basílio Teles (1856 - 1923)

**VIDA:**

Nascido no Porto, foi aluno da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica. Foi depois Professor de Liceu, lecionando as disciplinas de Literatura, Filosofia e Ciências Naturais. Membro do Clube de Propaganda Democrática do Norte, o seu envolvimento na Revolta de 31 de janeiro de 1891 levou-o ao exílio, tendo regressado após uma amnistia. Membro do Partido Republicano Português, recusou vários convites para ser Ministro – das Finanças e da Guerra. Falecido no Porto, nunca deixou de colaborar em diversos jornais e revistas políticas e literárias.

OBRA:

- *Ensaios Filosóficos*, pref. de António Braz Teixeira. Lisboa: IN-CM, 2006. AA.VV.
- *Actas do Colóquio 150 anos do Nascimento de Basílio Teles*. Porto: FLUP, 2007. Machado, Maria do Rosário
- *O pensamento político, social e económico de Basílio Teles*. Lisboa: IN-CM, 2008.

PENSAMENTO:

De forma particularmente feliz, José Marinho caracterizou Basílio Teles como “o grande irmão-inimigo de Sampaio Bruno”⁸⁵ – dado que, partindo ambos da mesma denúncia da “realidade do mal”, chegam a conclusões opostas: enquanto Bruno procura conciliar essa denúncia com a afirmação da “existência de Deus” – dizendo-nos que “Deus” tolera o “mal” porque, entretanto, deixou de ser “omnipotente”⁸⁶ –, já Teles, apesar de reconhecer – ou de, pelo menos, admitir – a existência de “Deus”, amaldiçoa-o por, nas suas palavras, “consentir que as maiores infâmias se pratiquem”, “sendo-lhe por igual indiferente a ira feroz do verdugo e o caloroso gemido da vítima”⁸⁷, afirmando, pois, em última instância, a imoralidade da existência divina.

Como escreveu a este respeito António Braz Teixeira: “enquanto Bruno refere dialecticamente o seu pensamento ao de Amorim Viana, Basílio Teles vai formular o seu em oposição a Antero, negando que o universo evolua para um destino ético, para um fim superior de beleza moral e santidade, pois a irrefragável existência do mal na natureza é, para ele, suficiente prova da inexistência de um Absoluto ou de um ser transcendente, superior e exterior ao mundo./ Se, para Amorim Viana, a existência de um Deus, centro de toda a perfeição, toda a luz e todo o bem, era suficiente para postular a inexistência do mal, se, para Bruno, a coexistência de ambos só se explicaria desde que se inserisse o mistério na raiz do próprio filosofar, tornando extensivo o mal a Deus e pondo-o na origem do mundo e do homem, para Basílio Teles é a obsessiva convicção da realidade do mal que o conduz à negação atea da divindade.”⁸⁸

EXCERTOS:

- “o Deus semita não vale, moralmente, mais que o Zeus helénico; é, como ele, imoral, um tirano sem piedade e sem justiça.”⁸⁹

- “O Universo não evolue para um destino ético – ao contrário do que pensava o nobre espírito de Antero – para um fim superior de beleza moral, de santidade.”⁹⁰

⁸⁵ Cf. *VCD*, p. 195. A este respeito, ver em particular: Maria Teresa N.V. Carvalho Oliveira, *O sentimento religioso em Basílio Teles e em Sampaio Bruno*. (TM-UM) Braga: UM, 1999.

⁸⁶ Cf. Sampaio Bruno, *A Ideia de Deus*, ed. cit., p. 243.

⁸⁷ Cf. *Ensaios Filosóficos*, ed. cit., pp. 27-28.

⁸⁸ Cf., igualmente, António Braz Teixeira, *Deus, o Mal e a Saudade...*, ed. cit., pp. 68. Cf., igualmente, *VCD*, p. 194: “Nos comentários ao *Livro de Job* considera Basílio o problema do mal, decisivo para ele tanto, ou mais, que para Sampaio Bruno. Mal para ele tão agudo, tão fundo, que constitui fonte de argumentos bastantes não só para negar a providência, como Amorim Viana, ou para negar a onipotência divina, como Sampaio Bruno, mas para negar o próprio Deus, a transcendência e um fim harmonioso do Universo.”

⁸⁹ *Ensaios Filosóficos*, ed. cit., p. 45.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 28.



VIII

Teixeira Rego (1881 - 1934)

⁹¹ Cf. Francisco Palma Dias, "Agostinho da Silva, Bandeirante do Espírito", in AA.VV., *Agostinho [da Silva]*, ed. cit., p. 151.

⁹² Cf. VCD, p. 78.

⁹³ "José Pereira de Sampaio (Bruno)", in *Estudos e Controvérsias (Língua e Literatura)*, ed. cit., p. 157.

VIDA:

Nascido em Matosinhos, foi um dos nossos autodidatas mais insignes. Personalidade multifacetada, foi jornalista, escritor e professor de Filosofia e Literatura Portuguesa, na primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a convite de Leonardo Coimbra, seu admirador – o que causou alguma polémica, visto que Teixeira Rego não tinha formação superior. Foi ainda amigo muito próximo de Sampaio Bruno. Como jornalista, chegou a dirigir o semanário local *O Debate*, sucedendo ao historiador Alfredo Pimenta. Faleceu na sua cidade natal, onde trabalhava como mero funcionário administrativo.

OBRA:

- *Nova Teoria do Sacrifício*, fixação do texto, pref. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.
- *Estudos e Controvérsias (Língua e Literatura)*, compil., posf. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991. Gomes, Pinharanda
- *A "Renascença Portuguesa": Teixeira Rego*. Lisboa: ICALP, 1984.

PENSAMENTO:

Agostinho da Silva, de quem foi aluno na Faculdade de Letras no Porto considerou-o como "o mais notável" de todos os protagonistas da Renascença Portuguesa⁹¹ e a sua obra dá eco da influência do Mestre, nomeadamente no ensaio "A Comédia Latina", onde aponta como móbil da "cisão" ou "queda adâmica" a mudança de regime alimentar do homem: de frugívoro para carnívoro (tese central da *Nova Teoria do Sacrifício*).

José Marinho, por sua vez, acentua a sua relevância enquanto hermeneuta, nomeadamente enquanto hermeneuta da obra de Sampaio Bruno, ao "indicar com nitidez, mesmo quando a argumentação possa considerar-se deficiente, a íntima unidade ou adunação de todo o pensamento do autor de *A Ideia de Deus*"⁹².

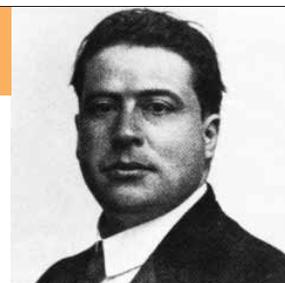
Com efeito, Teixeira Rego chega a falar, a respeito do pensamento de Bruno, de uma "formidável unidade" – nas suas palavras: "Aqueles que superficialmente conheceram as obras de Sampaio (Bruno), formavam a ideia de que se tratava de um polígrafo de grande erudição, dum espírito que entesourava conhecimentos com o prazer do avarento, mas não suspeitavam, creio bem, que José Sampaio fosse um dos mais vigorosos pensadores portugueses, ordenando todo o seu saber numa formidável unidade."⁹³

EXCERTOS:

- “Se admitirmos a doutrina transformista (e hoje não sofre objecções sérias essa doutrina, quer se adoptem as vistas de Darwin ou de Lamarck, que se siga a teoria mais provável, talvez de De Vries das mutações bruscas), somos forçados a reconhecer que, na transição do antropóide para o homem, houve uma mudança de regime alimentar. A Pré-História dá-nos o homem caçador, pescador, ao passo que os antropóides são frugívoros e, factos notáveis, o homem conserva o aparelho digestivo dum frugívoro, nas suas tradições refere-se a um passado de frugívoro, tem uma repugnância instintiva pela carne crua, e, finalmente, grande parte das suas doenças são devidas às toxinas dos alimentos animais. Ainda hoje, apesar das inevitáveis modificações que longos séculos do omnivorismo produziriam, existe a possibilidade no homem duma alimentação exclusivamente frugívora, tantos e tantos séculos foram frugívoros os nossos antepassados antropóides!

Esta mudança de regime foi, quanto a nós, o facto capital da vida da espécie, pelas consequências que acarretou. À vida livre, ociosa, arborícola, frugívora, do antropóide na floresta, sucedeu a necessidade de caçar a presa, o desenvolvimento do cérebro, diuturnamente ocupado nos ardis da caça, as doenças ocasionadas por alimentos a que o seu organismo não estava habituado, a necessidade de defesa contra os animais que, reagindo, passassem de perseguidos a perseguidores, e, seguidamente, os rudimentos da civilização, mercê do desenvolvimento mental, os excessos sexuais com a quebra da normal periodicidade, a família, as habitações, a fabricação de instrumentos e a guerra com todos os seus horrores. Foi a origem do bem e a origem do mal.”⁹⁴

⁹⁴ In *Nova Teoria do Sacrifício*, ed. cit., pp. 26-27.

IX**Leonardo Coimbra (1883 - 1936)****VIDA:**

Nascido em Borba de Godim (atual vila da Lixa), iniciou, na Academia Politécnica do Porto, os estudos preparatórios do Curso Superior de Letras, que concluiu em Lisboa quatro anos depois, com distinção. Durante este período, fundou e dirigiu, com Jaime Cortesão, Cláudio Basto e Álvaro Pinto, a Revista *Nova Silva*, de orientação anarquista, e, no ano seguinte, fundou a Sociedade dos Amigos do ABC, para combater o analfabetismo. Constituiu, depois, com Jaime Cortesão, Rodrigo Solano, Gil Ferreira e Correia de Sousa, o grupo político-literário “Nova Seara”, e fundou, em 1912, a “Renascença Portuguesa”, com as suas “Universidades Populares”, tendo por órgão a revista *A Águia*. Em 1913, apresentou a sua tese “Criacionismo” ao concurso de assistente de Filosofia e, no ano seguinte, iniciou a sua carreira política, filiando-se no Partido Republicano Português. Foi por duas vezes Ministro de Instrução Pública (1919 e 1923), criou as Escolas Primárias Superiores, reformou a Biblioteca Nacional e fundou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto – onde foi Diretor e Professor. Foi neste último cargo que a sua ação foi mais marcante – nessa Faculdade, Leonardo Coimbra foi o Mestre por excelência de toda uma geração que depois veio a dar corpo e voz à chamada “Filosofia Portuguesa”. A sua morte prematura e inesperada, resultante de um acidente de viação, causou uma enorme comoção entre os seus discípulos – nomeadamente, Álvaro Ribeiro e José Marinho.

OBRA:

- *Obras de Leonardo Coimbra*, coordenação e revisão de Sant'Anna Dionísio. Porto: Lello, 1983, 2 vols.
- *Dispersos I: Poesia Portuguesa*, compil., fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Verbo, 1984.
- *Dispersos II: Filosofia e Ciência*, compil., fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, nota preliminar de António Braz Teixeira. Lisboa/ São Paulo: Verbo, 1987.
- *Dispersos III: Filosofia e Metafísica*, compil., fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, nota preliminar de Francisco da Gama Caiiro. Lisboa/ São Paulo: Verbo, 1988.
- *Dispersos IV: Filosofia e Religião*, compil., fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, nota preliminar de Manuel da Costa Freitas. Lisboa/ São Paulo: Verbo, 1991.
- *Dispersos V: Filosofia e Política*, compil., fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, nota preliminar de Henrique Barrilano Ruas. Lisboa/ São Paulo: Verbo, 1994.
- *Cartas, Conferências, Discursos, Entrevistas e Bibliografia Geral*, compil. e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, nota preliminar de Pinharanda Gomes. Lisboa: Fund. Lusíada, 1994.
- *A Filosofia de Henri Bergson*, introd. de Manuel Ferreira Patrício, fixação do texto e apres. de Ângelo Alves. Lisboa: IN-CM, 1994.
- *Obras Completas*. Lisboa: IN-CM/ UCP, 2004, vol. I, 2 tomos.
- *Obras Completas*. Lisboa: IN-CM/ UCP, 2005, vol. II.
- *Obras Completas*. Lisboa: IN-CM/ UCP, 2006, vol. III.
- *Obras Completas*. Lisboa: IN-CM/ UCP, 2007, vol. IV.
- *Obras Completas*. Lisboa: IN-CM/ UCP, 2009, vol. V.
- *Obras Completas*. Lisboa: IN-CM/ UCP, 2010, vol. VI. AA.VV.
- *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus contemporâneos*. Porto: Tavares Martins, 1950.
- *Leonardo Coimbra 1883-1983*. Braga: UCP/FF, 1983.
- *Leonardo Coimbra: Filósofo do Real e do Ideal*. Lisboa: Inst. Amaro da Costa, 1985.
- *O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra* (atas do "Colóquio Leonardo Coimbra, no centenário da sua morte"). Lisboa: UCP/ Didaskalia, 1989.
- *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra* (atas do Simpósio realizado no Centro Regional do Porto da UCP). Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1994.
- *Leonardo Coimbra. O tribuno e o filósofo*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras, 2005.
- Alves, Ângelo
- *O sistema filosófico de Leonardo Coimbra, Idealismo Criacionista*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1962.
- *Leonardo Coimbra, Filósofo da Liberdade e do Amor Infinito*. Lisboa: Fund. Lusíada, 2003.
- *Leonardo Coimbra (1883-1936)*. Gaia: Estratégias Criativas, 2007.
- Dionísio, Sant'Anna
- *Leonardo Coimbra, o Filósofo e o Tribuno*. Lisboa: IN-CM, 1985.
- *Leonardo Coimbra: contributo para o conhecimento da sua personalidade e seus problemas*. Porto: Lello, 1983 (2ª).
- Gomes, Pinharanda
- *A Teologia de Leonardo Coimbra*. Lisboa: Guimarães Ed., 1985.
- Natário, Maria Celeste Lopes
- *O pensamento dialéctico de Leonardo Coimbra: reflexão sobre o seu valor antropológico* (TM-UP, 1994). Amarante: Tâmega, 1997.
- Patrício, Manuel Ferreira
- *Leonardo Coimbra e Teilhard de Chardin*. Évora: Ed. Universidade de Évora, 1983.

- *A pedagogia de Leonardo Coimbra: teoria e prática* (TD-UL, 1983). Porto: Porto Ed., 1992.

Pimentel, Manuel Cândido

- *Filosofia Criacionista da Morte* (TM-UL). Ponta Delgada: Univ. dos Açores, 1994.

- *A ontologia integral de Leonardo Coimbra: ensaio sobre a intuição do ser e a visão enigmática* (TD-UCP, 2001). Lisboa: IN-CM/ CLCPB, 2003.

Pinho, Arnaldo Cardoso

- *Leonardo Coimbra: biografia e teologia*. Porto: UCP, 1999.

Santos, Alfredo Ribeiro dos

- *Perfil de Leonardo Coimbra*, pref. de Pinharanda Gomes. Lisboa: Fund. Lusíada, 1998.

Spinelli, Miguel

- *A Filosofia de Leonardo Coimbra*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1981.

⁹⁵ PFLC, pp. 41 e 64, respetivamente.

⁹⁶ Cf. PFLCOT, p. 39.

⁹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 590. Marinho, salienta, aliás, a "extraordinária unidade significativa da obra" – nas suas palavras: "A mais extraordinária surpresa que pode colher o estudioso da obra de Leonardo Coimbra é o da sua extraordinária unidade significativa. Unidade significativa quer dizer alguma coisa melhor e mais fundo que a unidade metodológica das *Pensées* de Pascal. Esta é uma invenção utópica e anacrónica de mediocres pensamentos – embora não seja de mediocres pensadores. Como nenhuma outra obra de pensamento que se abra para nós em língua portuguesa como viva e difícil expressão, (o tempo está chegando de abjurar em filosofia da torpe facilidade), a sua, começa por perturbar pela sua multiplicidade, acaba por seduzir-nos pela própria certeza da sua unidade profunda, tão sérias são as correspondências de umas expressões para as outras, tão constantes os temas de meditação e as ideias fundamentais, tão universal e harmonioso o sentido do seu desenvolvimento." (*Ibidem*, p. 597). Daí ainda estas suas palavras: "Leonardo era um tipo de pensador capaz de realizar aquele *sincretismo* em que [Samuel] Alexander vê a característica do espírito filosófico." (*Ibidem*, pp. 44).

⁹⁸ Cf. VCD, p. 100.

⁹⁹ *Obras de Leonardo Coimbra*, ed. cit., I, p. 399.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 421.

PENSAMENTO:

Segundo José Marinho, seu discípulo e hermenêuta: "É frequente Leonardo Coimbra ser considerado pensador ou escritor de compromisso. Os poetas dizem dele que é 'um mau poeta' e os preocupados de filosofia que é 'um mau filósofo'. – Noutros termos: a sua obra afugenta a uns e a outros: no primeiro caso, por quanto há nela de excessivo aparato crítico ou conceptual, e, no segundo caso, pela indiscreta colaboração do lirismo eloquente"; "Como muitas vezes acontece, é ali mesmo onde se denuncia polemicamente o não-valor que o valor se revela. O pensamento de Leonardo Coimbra vale pelo seu contraste fortemente acusado: nenhum outro filósofo português realizou a sua filosofia com consciencialização tão ampla e profunda do saber científico, com tão ampla informação das várias formas de cultura; mas nenhum também considerou tão reflexiva e intensamente o drama de ser, nenhum foi tão profunda e consequentemente caracterizado pela inquietação religiosa."⁹⁵

Tal forte "contraste", tal profunda "ambivalência", terá levado mesmo alguns mais apressados intérpretes a considerar "a obra de Leonardo Coimbra como caótica e não pura – caótica pela falta de método e harmonia, impura pela aparente convergência e divergência de elementos dispersos que nela se encontram"⁹⁶. Como, porém, escreveu o autor da *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo* a este respeito, "é por ser rico de contrastes que o pensamento de Leonardo Coimbra, como qualquer outro pensamento sério, qualquer que seja a forma sobre a qual se expôs, se afirma harmonioso no seio dos mesmos contrastes e para além deles"⁹⁷. De resto, José Marinho ressalva ainda que essa ambivalência se explica pelo percurso, pela evolução – "desde a fase dialéctica de uma filosofia autónoma até à fase final de conversão em que, no seu próprio dizer, 'a metafísica se acaba em religião'"⁹⁸ –, do pensamento leonardino.

EXCERTOS:

- "As almas verídicas (porque há aparências, esboços de alma) nutrem-se dum único alimento – o absoluto."⁹⁹

- "Como é belo este mundo de distâncias e separações! Que perda não seria reduzir tudo a uma simples unidade possuindo-se!"¹⁰⁰



X Teixeira de Pascoaes (1877 - 1952)

VIDA:

Nascido em Amarante, no seio de uma família aristocrática, Teixeira de Pascoaes vem a terminar os seus estudos secundários em Coimbra, onde depois se inscreve no curso de Direito da Universidade local. Chegou a exercer como advogado – primeiro em Amarante e depois no Porto – e, durante dois anos, assume mesmo o cargo de Juiz, mas cedo dá por finda a sua carreira nessa área. Não tendo necessidade de exercer uma profissão para assegurar o seu sustento, já que era um proprietário abastado, foi-se dedicando cada vez mais em exclusivo à escrita. Grande teórico do “Saudosismo”, foi a figura de proa do chamado movimento da “Renascença Portuguesa” e da revista *A Águia*, principal órgão do movimento.

OBRA:

- *Belo/ À Minha Alma/ Sempre/ Terra Proibida*, “Obras Completas”, I, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d.
- *À Ventura/ Jesus e Pã/ Para a Luz/ Vida Etérea*, “Obras Completas”, II, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d.
- *As Sombras/ Senhora da Noite/ Marânus*, “Obras Completas”, III, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d.
- *Regresso ao Paraíso/ Elegias/ O Doido e a Morte*, “Obras Completas”, IV, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d.
- *Cantos Indecisos/ Londres/ Dom Carlos/ Cânticos/ O Pobre Tolo*, “Obras Completas”, V, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d.
- *Painel/ Versos Pobres/ Últimos Versos/ Dispersos/ Outros poetas falam de Pascoaes*, “Obras Completas”, VI, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d.
- *Livro de Memórias*, “Obras Completas”, VII, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d.
- *O Bailado*, “Obras Completas”, VIII, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.
- *O Pobre Tolo/ versão inédita*, “Obras Completas”, IX, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.
- *A Beira (num relâmpago)/ Duplo Passeio*, “Obras Completas”, X, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.
- *O Empecido*, “Obras Completas”, XI, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.
- *A Velhice do Poeta, Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga: UCP/FF, 1973, XXIX/2, pp. 123-156.
- *Uma Fábula (o Advogado e o Poeta)*. Porto: Brasília Editora, 1978.
- *Arte de Ser Português*. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1978.
- *São Paulo*, apresentação de António Pedro de Vasconcelos. Lisboa: Assírio & Alvim, 1984.
- *Napoleão*, introd. de Fernando Guimarães. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985.
- *O Penitente* (Camilo Castelo Branco), apresentação de António Pedro de Vasconcelos. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985.
- *Os Poetas Lusíadas*, introduzido por “reflexões sobre Teixeira de Pascoaes” por Joaquim de Carvalho reflectidas por Mário Cesariny. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

- *A Saudade e o Saudosismo* (dispersos e opúsculos), compil., introd., fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.
- *São Jerónimo e a Trovoada*, introd. de António M. Feijó. Lisboa: Assírio & Alvim, 1992.
- *O Homem Universal e outros escritos*, fixação do texto, pref. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.
- *Santo Agostinho (comentários)*, fixação do texto, introd. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.
- *Ensaio de Exegese Literária e vária escrita*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- *D. Carlos (drama em verso)*, pref. de Pinharanda Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- *Pensamentos e Máximas*, sel. e apres. de António Cândido Franco. Maia: Cosmorama, 2010. AA.VV.
- *Homenagem a Teixeira de Pascoaes*. Coimbra: Associação Académica de Coimbra, 1951.
- *In Memoriam de Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: IN-CM, 1980.
- *Nova Renascença* (nº dedicado a Teixeira de Pascoaes). Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1997, nº 64/66.
- *Encontro com Teixeira de Pascoaes: no cinquentenário da sua morte*, org. de Paula Morão e Maria das Graças Moreira de Sá. Lisboa: Colibri/ Dep. de Literaturas Românicas da FLUL, 2004.
- *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* (nº dedicado a Teixeira de Pascoaes). Porto, 2004, n. 21.
- *Pascoaes, Portugal e a Europa*, NOVA ÁGUIA: REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI, nº 4, 2º semestre de 2009.
- Borges, Paulo A. E.
 - *Princípio e Manifestação no Pensamento Português Contemporâneo: Metafísica e Teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes* (TD-UL, 1999). Lisboa: IN-CM, 2008.
- Cameirão, Lurdes da Conceição Preto
 - *Teixeira de Pascoaes e o projecto cultural da "Renascença Portuguesa"* (TM-UNL, 1994). Bragança: Instituto Politécnico, 2000.
- Carvalho, Joaquim de
 - *Reflexões sobre Teixeira de Pascoaes*. Amarante: Tâmega, 1991.
- Casulo, José Carlos de Oliveira
 - *Filosofia da educação em Teixeira de Pascoaes* (TD-UM), Braga, UM, 1997.
 - *Teixeira de Pascoaes 1887-1952*. Gaia: Estratégias Criativas, 2004.
- Coelho, Jacinto do Prado
 - *A Poesia de Teixeira de Pascoaes/ A Educação do Sentimento Poético*, org. e rev. de A. Cândido Franco e Luís Amaro, pref. de Fernando Guimarães. Porto: Lello, 1999 (2ª).
- Costa, Dalila Pereira da
 - *Pascoaes: D'As Sombras à 'Senhora da Noite'*. Lisboa: Átrio, 1992.
- Coutinho, Jorge
 - *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes: Estudo hermenêutico e crítico* (TD-UCP, 1994). Braga: UCP/FF, 1995.
- Dias, José Manuel de Barros
 - *Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes: compromissos plenos para a educação dos povos peninsulares* (TD-UE, 1996). Lisboa: IN-CM, 2002, 2 vols.
- Fonseca, A. Fernandes da
 - *Encontros com Teixeira de Pascoaes (um regresso ao Poeta)*. Porto: Univ. Fernando Pessoa/ Fund. Fernando Pessoa, 2002.
- Franco, António Cândido
 - *Transformações da Saudade em Teixeira de Pascoaes*. Amarante: Tâmega, 1994.
 - *O Saudosismo de Teixeira de Pascoaes*. Amarante: Tâmega, 1996.
 - *Eleonor na serra de Pascoaes*. Lisboa: Átrio, 1992.
 - *A Literatura de Teixeira de Pascoaes* (TD-UE, 1997). Lisboa: IN-CM, 2000.

¹⁰¹ De tal modo que, para além de Leonardo Coimbra, só a Pascoaes chamou Marinho de “Mestre” – nas suas palavras: “Sou, como se sabe, discípulo de Leonardo Coimbra, senão também de Pascoaes.” (FP, p. 469). Cf., igualmente, *ibidem*, p. 409: “Pascoaes, para muitos de nós mestre da ciência poética.”

¹⁰² Cf. TP, p. 196. A posição cimeira de Camões é inamovível dado que, como escreveu José Marinho numa carta dirigida a Álvaro Ribeiro, “em Camões se acaba a nossa vida terrena e começa a nossa imortalidade” (cf. Cor., p. 3.) No seu *Ensaio sobre a obra de Teixeira de Pascoaes*, havia defendido igualmente que “a solução de Camões é superior por ser mais universal” (cf. TP, p. 123). Na sua obra *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, irá, contudo, a respeito da temática da “Saudade”, afirmar a superioridade da cosmovisão de Pascoaes relativamente à de Camões – daí, a título de exemplo, estas suas palavras: “Com a obra sábia por excelência, a obra clássica, aos nossos olhos barroca, feita para a fictícia eternidade da glória terrena da pátria e da humanidade, mas com uma simbólica terminal que as ultrapassa, queremos dizer n’ *Os Lusíadas*, a saudade nada ou pouco tem que ver. Apenas no episódio de Inês de Castro ou no do Adamastor ela aflora, timidamente, como hóspede de circunstância. Que diferença abissal com Teixeira de Pascoaes, no qual a Saudade é não só musa excelsa mas deusa excelsa e gloriosa sem a qual nada se entende, nada do que para os homens é ou se diz necessidade, nada do que se crê, se ama ou se pensa como liberdade e libertação!” (VCD, p. 224).

¹⁰³ Cf. TP, p. 247.

¹⁰⁴ Cf. *ibidem*, p. 216.

¹⁰⁵ Cf. *ibidem*, p. 237.

¹⁰⁶ Cf. *ibidem*, p. 229. Daí ainda o dizer-nos, de forma expressa, que “sua universalidade, sua catolicidade, ultrapassam os limites da catolicidade efémera” (cf. *ibidem*, p. 222) e, inclusivamente, o “cristianismo judaico” (cf. *ibidem*, p. 255).

¹⁰⁷ Cf. *ibidem*, p. 406.

¹⁰⁸ Cf. *ibidem*, p. 377.

¹⁰⁹ Cf. *ibidem*, p. 383.

- *Arte de Sonhar: 87 sonhos com Teixeira de Pascoaes*, posf. de António Telmo. Évora: Casa do Sul, 2001.

Garcia, Mário

- *Um Olhar sobre Pascoaes*. Braga: UCP, 2000.

Martins, Pedro

- *O Anjo e a Sombra (Teixeira de Pascoaes e a Filosofia Portuguesa)*. Lisboa: Pena Perfeita, 2007.

Mesquita, Armindo Teixeira

- *Espiritualidade Poética de Teixeira de Pascoaes*. Guimarães: Cidade Berço, 2001.

Natário, Celeste

- *Teixeira de Pascoaes: Saudade, Física e Metafísica*. Lisboa: Zéfiro, 2010.

Patrício, Manuel Ferreira

- *O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses*. Lisboa: IN-CM, 1996.

Sá, Maria das Graças Moreira de

- *Expressões da estética da saudade em Teixeira de Pascoaes* (TD-UL, 1989). Lisboa: ICALP, 1992.

- *O Essencial sobre Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: IN-CM, 1999.

Samuel, Paulo

- *Viajar com... Teixeira de Pascoaes*. Porto/ Vila Real: Caixotim/ Delegação Regional da Cultura do Norte, 2004.

Sinde, Pedro

- *O Velho da Montanha: a doutrina iniciática de Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Hugin, 2000.

Thelen, Albert Vigoleis

- *Cartas a Teixeira de Pascoais*, org. e pref. de António Cândido Franco. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

Vasconcelos, Maria da Glória Teixeira

- *Olhando para trás vejo Pascoais*, introd. de António Cândido Franco. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

PENSAMENTO:

Teixeira de Pascoaes foi, de longe, o poeta de eleição dos nossos filósofos, em particular de José Marinho¹⁰¹. Eis, desde logo, o que podemos atestar lendo a sua dissertação de Licenciatura, *Ensaio sobre a Obra de Teixeira de Pascoaes*, onde escreveu, em jeito de conclusão, que “ele é depois de Camões o maior poeta de Portugal e um dos grandes poetas modernos sendo que, segundo nos parece, realizou com o *Regresso [ao Paraíso]* a obra mais afirmativa que se fez após o Fausto”¹⁰².

Eis, ainda, o que podemos atestar lendo o conjunto de textos que redigiu, entre a década de quarenta e os primeiros anos da de cinquenta, para um projetado livro sobre Teixeira de Pascoaes, intitulado *Pascoaes e a poesia do etéreo*, onde o afirma como “o primeiro poeta português”¹⁰³, como um dos “raros sobreviventes de uma maravilhosa raça de homens ou de semi-deuses”¹⁰⁴, como um representante da “mais pura sabedoria do ocidente e do oriente”¹⁰⁵, cuja poesia “se situa no extremo processo agónico do cristianismo e anuncia entre sombras e contrastes a nova idade do ser e da vida sempre adiada, sempre presente”¹⁰⁶.

E, por isso, qualificou-o Marinho, em outros textos seus, como “o mais glorioso e irredutível dos nossos heterodoxos”¹⁰⁷, como “o novo arauto da velha heresia”¹⁰⁸, como “o mais genial vidente da nossa poesia, e sem dúvida dos mais geniais videntes que o nosso Ocidente viu”¹⁰⁹, escrevendo ainda, por ocasião

da sua morte, as seguintes palavras: “Poesia prodigiosa e imensa, devemos-lhe uma parte da iniciação no sentido daquela difícil sabedoria de que os poetas visionários e os pensadores afins são, na Europa, os últimos representantes visíveis.”¹¹⁰.

A esse respeito, Marinho não poderia, com efeito, ter encontrado melhor Mestre. Em Pascoaes, o Absoluto é, simultaneamente, o mais distante – o para além de toda a relação – e o mais próximo – o verdadeiro ser de todo o ser. E por isso, como o próprio Marinho reiteradamente referiu, foi, de facto, Pascoaes um “poeta da natureza”¹¹¹, um “poeta cósmico”¹¹², “de mais amplo e abissal sentido cósmico”¹¹³, um poeta “panteísta”¹¹⁴, sendo o seu panteísmo “produto duma comunhão íntima com os seres”¹¹⁵ – nessa medida, um poeta “profundamente terrestre sem pertencer à terra”¹¹⁶, um “poeta materialista no sentido mais fundo do termo”¹¹⁷, dado que vê em toda a matéria a presença do “espírito”, do próprio “ser absoluto ou Deus”. Daí, aliás, ainda nas palavras de Marinho, todo o Enigma: “Sob um aspecto, Natureza e homem são intrínsecos a Deus. Mas este Deus que tudo abrange e que a tudo quanto existe confere o ser próprio e perfeito, esse não podemos nós ver”¹¹⁸. Daí, mais do que isso, todo o Mistério... Mas isso foi algo que o próprio Marinho só veio depois a descobrir, ainda e sempre iluminado por Pascoaes – nas suas palavras: “Ao contrário dos anos juvenis, sabemos hoje que o mistério tem de permanecer imaculado ao penetrar-se.”¹¹⁹.

¹¹⁰ Cf. *ibidem*, p. 397.

¹¹¹ Cf., *ibidem*, p. 199: “Pascoaes, poeta da Natureza.” Cf., igualmente, *ibidem*, p. 48: “Em quase todas as poesias encontramos o poeta identificando-se com a natureza”.

¹¹² Cf. *ibidem*, p. 59.

¹¹³ Cf. *ibidem*, p. 243.

¹¹⁴ Cf. *ibidem*, p. 193.

¹¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 59.

¹¹⁶ Cf. *ibidem*, p. 221.

¹¹⁷ Cf. *ibidem*, p. 229.

¹¹⁸ Cf. *ibidem*, p. 322.

¹¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 402.

¹²⁰ *Arte de Ser Português*, ed. cit., 1978, p. 96.

¹²¹ Excerto do Manifesto publicado n’*A Vida Portuguesa*, nº 22, de 10 de fevereiro de 1914.

EXCERTOS:

- “O génio lusíada é mais emotivo do que intelectual. Afirma e não discute [...]./ O português não é nada filósofo; a luz do seu olhar alumia mais do que vê [...]./ O português não quer interpretar o mundo nem a vida, contentando-se em vivê-la exteriormente; e tem, por isso, um verdadeiro horror à Filosofia, imaginando encontrá-la em tudo o que não entende.”¹²⁰

- “O fim da *Renascença Lusitana* é combater as influências contrárias ao nosso carácter étnico, inimigas da nossa autonomia espiritual e provocar, por todos os meios de que se serve a inteligência humana, o aparecimento de novas forças morais orientadoras e educadoras do povo, que *sejam essencialmente lusitanas*, para que a alma desta bela Raça ressurja com as qualidades que lhe pertencem por nascimento, as quais, na Idade Média, lhe revelaram os segredos dos mares, de novas constelações e novas terras, e, de futuro, lhe deverão desvendar os mistérios dessa nova vida social mais bela, mais justa e mais perfeita.”¹²¹



XI

Fernando Pessoa (1888 - 1935)

VIDA:

Nascido em Lisboa, parte, aos sete anos, para a África do Sul, em virtude do casamento de sua mãe. Regressando a Lisboa em 1905, matricula-se, no ano seguinte, no Curso Superior de Letras (atual Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), que abandona sem sequer completar o primeiro ano. Inicia entretanto a sua atividade de ensaísta e crítico literário com o artigo "A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada", a que se seguiriam "Reincidindo..." e "A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico", publicados em 1912 pela revista *A Águia*, órgão da "Renascença Portuguesa". Em 1915, participou, com Mário de Sá-Carneiro, na revista literária *Orpheu*, a qual lançou o movimento modernista em Portugal – em 1924, juntamente com o artista plástico Ruy Vaz, lançou igualmente a revista *Athena*. Ao longo da vida, trabalhou em várias firmas como correspondente comercial. Foi também empresário, editor, ativista político, tradutor, jornalista, publicitário e publicista, ao mesmo tempo que produzia a sua obra literária. Morreu de cirrose hepática aos 47 anos em Lisboa, ainda com pouco reconhecimento público – à exceção da *Mensagem*, grande parte da sua obra estava ainda por editar.

OBRA:

- *Obras de Fernando Pessoa*, introd., org. e biobibliografia de António Quadros e Dalila Pereira da Costa. Porto: Lello & Irmão, 1986, 3 vols.
- *Textos Filosóficos*, I e II, estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Lisboa: Edições Ática, 1993 e 1994. AA.VV.
- *Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa* (atas), org. de Isabel Tamen. Lisboa: FCG/ SEC, 1990.
- *Fernando Pessoa e a Europa do século XX* (atas), coord. Fernando Pernes. Porto: Fund. Serralves, 1991.
- *Fernando Pessoa – Retrato – Memória*. Lisboa: UCP, 1989.
- *Nova Renascença* (nº dedicado a Fernando Pessoa). Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1998, nº 30/31.
- Fernando Pessoa: "Minha pátria é a língua portuguesa", *NOVA ÁGUIA: REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI*, nº 7, 1º semestre de 2011.
- Antunes, Alfredo
- *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa: elementos para uma antropologia filosófica*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.
- Carvalho, António Carlos
- *Pessoa*. Lisboa: Pergaminho, 1999.
- Centeno, Y. K.
- *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética: fragmentos do espólio*. Lisboa: Presença, 1985.
- *Fernando Pessoa: o Amor, a Morte, a Iniciação*. Lisboa: Regra do Jogo, 1985.
- *Fernando Pessoa: os Trezentos e outros Ensaios*. Lisboa: Presença, 1988.
- *O Pensamento esotérico de Fernando Pessoa*. Lisboa: & Etc., 1990.
- *Fernando Pessoa: magia e fantasia*. Porto: Asa, 2004.
- Cirurgião, António
- *O "Olhar Esfíngico" da Mensagem de Pessoa e a Concordância*. Lisboa: ICALP, 1990.
- Coelho, António Pina

- *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ed. Verbo, 1971, 2 vols.

Coelho, Jacinto do Prado

- *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo, 1991 (10ª).

Costa, Dalila Pereira da

- *O Esoterismo de Fernando Pessoa*, introd. e posfácio de António Quadros. Porto: Lello, 1996 (4ª rev.).

Ferreira, David Mourão

- *Nos Passos de Pessoa*. Lisboa: Presença, 1988.

Ferreira, Francisco Fonseca

- *Fernando Pessoa: a penumbra do génio*. Lisboa: Horizonte, 2002.

Gil, José

- *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*, trad. de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1987.

- *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

Henriques, Mendo Castro

- *As Coerências de Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo, 1989.

Lancastre, Maria José de

- *O essencial sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: IN-CM, 1998.

Lourenço, Eduardo

- *Fernando, Rei da nossa Baviera*. Lisboa: IN-CM, 1993 (2ª)/ Lisboa: Gradiva, 2007.

- *Fernando Pessoa Revisitado*. Lisboa: Gradiva, 2000 (3ª).

- *O Lugar do Anjo: ensaios pessoanos*. Lisboa: Gradiva, 2004.

Miguel, Ruy

- *Fernando Pessoa: o antidemocrata pagão*, pref. de Dário Castro Alves. Lisboa: Nova Arrancada, 1999.

Monteiro, Adolfo Casais

- *A Poesia de Fernando Pessoa*, org. de José Blanco. Lisboa: IN-CM, 1999 (2ª).

Morodo, Raúl

- *Fernando Pessoa e as "revoluções nacionais" europeias*, trad. de Artur Guerra e Cristina Rodrigues. Lisboa: Caminho, 1998 (2ª).

Quadros, António

- *Fernando Pessoa: Vida, Personalidade e Génio*. Lisboa: D. Quixote, 1988.

Sacramento, Mário

- *Fernando Pessoa: Poeta da Hora Absurda*. Lisboa: Vega, 1985.

Saraiva, Mário

- *Pessoa ele próprio: novo estudo nosológico e patográfico*. Porto: Clássica, 1992.

- *O Caso Clínico de Fernando Pessoa*. Lisboa: Universitária, 1999 (3ª).

Seabra, José Augusto

- *O Heterotexto Pessoaano*. Lisboa: Dinalivro, 1985

- *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*. Lisboa: IN-CM, 1988.

- *O coração do texto: novos ensaios pessoanos*, pref. de Maria Aliete Galhoz. Lisboa: Cosmos, 1996.

Simões, João Gaspar

- *Vida e obra de Fernando Pessoa: história duma geração*. Lisboa: D. Quixote, 1991 (6ª).

Tabucchi, António

- *Pessoaana Mínima: escritos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: IN-CM, 1984.

Tavares, José Fernando

- *Fernando Pessoa e as estratégias da razão política* (TM-UNL, 1994). Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

Teixeira, Luís Filipe B.

- *O Nascimento do Homem em Pessoa: a heteronímia como jogo da demiurgia divina* (TM-UL, 1992). Lisboa: Cosmos, 1992.

- *Pensar Pessoa*. Porto: Lello, 1997.

- *Obras de António Mora, de Fernando Pessoa: edição e estudo* (TD-UNL). Lisboa: UNL, 1997.

- *Fernando Pessoa e a Filosofia Senatorial*. Lisboa: Nova Vega, 2009.

122 *História do Pensamento Filosófico Português*. Lisboa: Caminho/CFUL, vol. V, tomo 1, 2000, pp. 153-165.

123 TP, p. 314.

124 *Textos Filosóficos*, ed. cit., I, p. 8.

125 *Ibidem*, p. 9.

126 *Ibidem*, p. 9.

127 *Ibidem*, p. 42.

128 Cf. *Obras de Fernando Pessoa*, ed. cit., III, pp. 703-704.

PENSAMENTO:

Como escrevemos num ensaio da nossa autoria, publicado no quinto volume da *História do Pensamento Filosófico Português*, coordenada por Pedro Calafate¹²², consideramos Pessoa como um filósofo, como o filósofo do “outro” (é esse, de resto, o título do ensaio: “Pessoa, o filósofo do ‘outro’”): do “outro” do pensar, do humano, demasiado humano, pensar, desde logo, que sempre tende a ocultar a verdade, procurando a “síntese” ao invés de se contentar com o que há, “tese e antítese apenas”; do “outro” de todo o ser, dado que Pessoa procurou desmascarar a falsidade, a ilusão de tudo, da própria ilusão!...; do “outro” de si próprio, não fosse igualmente o seu “eu”, todo o “eu”, uma falsidade, uma ilusão, a falsidade, a ilusão à qual Pessoa procurou, porventura ilusoriamente, escapar, *outrando-se*, criando outros “eus”, os seus heterónimos; do “outro” de nós mesmos, enfim, enquanto povo, enquanto país, enquanto pátria...

É certo que Pessoa finge em todos os seus poemas – não fosse ele, enquanto poeta, confessadamente um “fingidor”. É certo que Pessoa, em todos os seus poemas, mente – no entanto, como escreveu o autor da *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo* a respeito da “mentira poética”: “nada assinala melhor os equívocos do espírito do que a atitude do filósofo ante o poeta, quando aquele se apresenta como guardião da ciência, e olha o poeta como o fantasista quimérico. Se ‘sempre os poetas mentem’, como dizem Platão e Aristóteles, dizem-no em alto plano como os que são ‘amantes de mitos’ e de poesia, como os que sabem, embora por vezes também possam esquecê-lo, que a mentira poética encobre e exprime de certo modo aquela profunda sabedoria que a filosofia procura sempre vitoriosa, mas sempre vencida, mais directa e menos mentirosamente dizer”¹²³.

EXCERTOS:

- “A filosofia é um antropomorfismo em todos os sistemas [...]”¹²⁴

- “Querer encontrar às coisas um íntimo sentido, uma ‘explicação’ qualquer é, no fundo, querer simplificá-las [...]”¹²⁵

- “A filosofia foi primeiro uma ‘ciência’: tinha por fim descobrir a verdade para o fim utilitário de nos governarmos na vida; porque, se se julga que há uma vida futura, com castigos e recompensas, não é por certo pouco importante saber-se o que se deve fazer para evitar uns e merecer outros. Hoje a filosofia deve passar a ser uma arte – a arte de construir sistemas do Universo, sem outro fim que o de entreter e distrair, publicando belos sistemas.”¹²⁶

- “O Único, de quem Deus, o Deus Criador da Coisas, é apenas uma manifestação, é uma Ilusão. Toda a criação é ficção e ilusão. Assim como a Matéria é uma ilusão, provadamente, para o Pensamento; o Pensamento uma ilusão para a Intuição; a Intuição uma ilusão para a Ideia Pura; a Ideia Pura é uma Ilusão para o Ser. E o Ser é essencialmente Ilusão e Falsidade. Deus é a Mentira Suprema.”¹²⁷

- “Quem, que seja português, pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé? Que português verdadeiro pode, por exemplo, viver a estreiteza estéril do catolicismo, quando fora dele há que viver todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos, fundindo-os portuguesmente no Paganismo Superior. Não queiramos que fora de nós fique um único Deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistámos já o Mar: resta que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portugueses. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma coisa!”¹²⁸

129 *Ibidem*, p. 710.

- “Começemos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós, por o incarnar. Feito isso, cada um de nós independentemente e a sós consigo, o sonho se derramará sem esforço em tudo que dissermos ou escrevermos, e a atmosfera estará criada, em que todos os outros, como nós, o respirem. Então se dará na alma da nação o fenómeno imprevisível de onde nascerão as Novas Descobertas, a Criação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá

XII

Raul Proença (1884 - 1941)



VIDA:

Nascido nas Caldas da Rainha, formou-se em Ciências Económicas e Financeiras no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Esteve na génese da Revista *A Águia* (1910) e do Movimento da “Renascença Portuguesa” (1912) – vindo depois a integrar o grupo fundador da *Seara Nova* (1921) e o chamado grupo da Biblioteca Nacional (1919-1926). Trabalhou como bibliotecário, ascendendo a chefe dos serviços técnicos da Biblioteca Nacional, da qual era funcionário desde 1911, tendo ali colaborado diretamente com Jaime Cortesão quando este dirigiu a instituição. Foi ainda o criador do “Guia de Portugal”. Combateu o Sidonismo (1918) e a Ditadura Militar (1926) que, em 1927, o condenou ao exílio em Paris. Regressou a Portugal em 1932, já acometido da grave doença mental que o levaria ao internamento no Hospital Conde de Ferreira, no Porto, onde faleceu.

OBRA:

- *O Eterno Retorno*, I, introd., fixação do texto e notas de António Reis. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987.

- *O Eterno Retorno*, II, introd., fixação de texto e notas de António Reis. Lisboa: IN-CM, 1994.

- *Polémicas*, org. e pref. de Daniel Pires. Lisboa: D. Quixote, 1988.

- *Estudo e Antologia*, ed. de António Reis. Lisboa: Alfa, 1989.

Dionísio, Sant’Anna

- *O Pensamento Especulativo e Agente de Raul Proença*. Lisboa: Seara Nova, 1969.

Natário, Maria Celeste Lopes

- *O Pensamento Filosófico de Raul Proença* (TD-UP, 2002), Lisboa, IN-CM, 2005.

Reis, António

- *Raul Proença: biografia de um intelectual republicano* (TD-UL, 2000). Lisboa: IN-CM, 2003, 2 vols.

Reys, Câmara

- *Raul Proença*. Lisboa: BN, 1985.

Santos, Piteira

- *Raul Proença e a Alma Nacional*. Lisboa: Europa-América, 1982.

¹³⁰ Cf. VCD, p. 199.

¹³¹ Cf. *Ibidem*.

¹³² “O Problema crucial”, in *Seara Nova*, nº 1107, 26 de março de 1949.

¹³³ *Seara Nova*, nº 40, 1924, p. 63.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 64.

PENSAMENTO:

Raul Proença teve um percurso sinuoso. Começando por navegar nas águas do Positivismo, foi depois uma das figuras de proa da “Renascença Portuguesa” – tendo sido inclusive o autor de um Manifesto alternativo ao Manifesto de Pascoaes. Acabou depois por se afastar da “Renascença Portuguesa” e de ser, com António Sérgio e Jaime Cortesão, a figura de referência da *Seara Nova*. Ao longo desse percurso, desenvolveu um pensamento onde sobressai a exigência ética, em nome da qual pôs em questão a existência de Deus. De tal modo assim foi que José Marinho o qualifica como “o mais dotado e veemente dos nossos pensadores ateus”¹³⁰, ressaltando, contudo, o não fechamento do seu pensamento ao estrito horizonte humanista: “ao contrário de António Sérgio (...), e da generalidade dos nossos pensadores e ensaístas de propensão ou constância humanista ou humanitária, Raul Proença viu, é capital notá-lo, que nenhuma antropologia por si só é viável, e que um fundamento ontológico ou pelo menos onto-cosmológico de modo inelutável se requer, mais particularmente para aqueles filósofos a quem não é dada a visão, a crença, ou a ideia de Deus”¹³¹. Daí, de resto, como acrescenta, o ser “profundamente respeitado pelos religiosos e metafísicos de diferente tendência”¹³².

EXCERTOS:

- “Sob o ponto de vista da moralidade pura, Deus não deveria existir. A sua existência é um erro num mundo em que a moralidade tem preço.”¹³³

- “Deus, se existe, deve ver nos ateus de elevada consciência moral os seus verdadeiros eleitos – porque não precisam de acreditar no juiz para amar a justiça, e de querer o seu bem para crer no bem.”¹³⁴



XIII António Sérgio (1883 - 1969)

VIDA:

Nascido em Damão, na antiga Índia portuguesa, frequentou, seguindo a tradição familiar, o Colégio Militar, onde completou o Curso de Marinha de Guerra. Após a implantação da República, porém, abandona a Marinha. Em 1912, concorreu a assistente para a Secção de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, num concurso a que também se apresentaram Leonardo Coimbra e Matos Romão, que haveria de ser nomeado. Notabilizou-se desde cedo pelas polémicas que promoveu – nomeadamente com Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, ainda no âmbito da “Renascença Portuguesa”. Foi depois a figura mais proeminente da *Seara Nova*. Diretor da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, deixou-nos uma imensa obra, em grande parte reunida nos *Ensaios*, e lançou em Portugal a ideia do Cooperativismo, que influenciou muita gente, nomeadamente Agostinho da Silva. Com a ascensão de Salazar ao poder, foi obrigado a exilar-se em Paris, depois em Madrid, de onde regressou a Portugal depois de ter sido abrangido por uma amnistia, vindo a falecer em Lisboa.

OBRA:

- *Ensaio*. Lisboa: Sá da Costa, 8 vols. 1972-1976.
- *Breve interpretação da história de Portugal*. Lisboa: Sá da Costa, 1989 (3ª).
- *Textos políticos*, pref. e sel. de textos de António Reis. Lisboa: Alfa, 1990.
- *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, introd. de António Pedro Mesquita. Lisboa: IN-CM, 2001.
- *Ensaio sobre Educação*. Lisboa: IN-CM, 2008. AA.VV.
- *Actas do Colóquio sobre António Sérgio: Pensamento e Acção*. Lisboa: IN-CM/UCP, Centro Regional do Porto, 2004, 2 vols.
- *António Sérgio, Revista da História e das Ideias*. Coimbra: UC, 1983, nº 5, 2 vols.
- *Estudos sobre António Sérgio*, de João Medina, Sérgio Campos Matos e António Ventura. Lisboa: INIC/ Centro de História da Universidade de Lisboa, 1988.
- Baptista, Jacinto
- *António Sérgio enciclopedista*. Lisboa: Colibri, 1997.
- Carvalho, Joaquim Montezuma de
- *António Sérgio. A Obra e o Homem*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- Coelho, Amílcar
- *Desafio e Refutação: controvérsia entre António Sérgio e Jesus Caraça sobre a natureza e o valor da ciência*. Lisboa: Horizonte, 1990.
- Leone, Carlos
- *O Essencial sobre António Sérgio*. Lisboa: IN-CM, 2008.
- Magalhães-Vilhena, Vasco de
- *António Sérgio e a Filosofia*. Lisboa: Cosmos, 1969.
- *António Sérgio. O Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa*. Lisboa: Cosmos, 1975.
- Matos, A. Campos
- *"Diálogo" com António Sérgio*. Lisboa: Presença, 1989 (2ª rev.).
- Mota, Carlos Alberto de M. Gomes
- *António Sérgio: pedagogo e político*. Porto: Cadernos do Caos, 2000.
- Príncipe, João
- *Razão e Ciência em António Sérgio*. Lisboa: IN-CM, 2004.
- Soveral, Eduardo Abranches
- *O Pensamento de António Sérgio: síntese interpretativa e crítica*. Porto: Granito, 2000.

PENSAMENTO:

Seguindo a "via extrema do humanismo"¹³⁵, optando "pela imanência da verdade no homem"¹³⁶, a atividade da razão em António Sérgio aparece a José Marinho como "o exercício obsessivo da razão judiciosa sem conceito"¹³⁷. Não obstante a sua promissora "intuição radical" – a intuição do "uno unificante"¹³⁸ –, este nosso pensador nunca conseguiu, para o autor da *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, superar um conceito de razão que se cumpre na mera oposição, na mera cisão – nas suas palavras: "comparada com a de Pessoa, a situação de António Sérgio é paradoxal. Dir-se-ia, por um lado, que a sua personalidade está também, com o seu próprio pensamento, profundamente cindida entre a luz e a treva, devendo o que disse do seu directo antecessor aplicar-se como rigor maior a ele próprio. Antero de Quental, com efeito, tenta ainda a mediação na penumbra, António Sérgio, pelo contrário, cumpre-se na oposição da luz e da treva, do branco e do negro, da verdade e do erro, do bem e do mal"¹³⁹.

¹³⁵ Cf. *VCD*, pp. 206-207.

¹³⁶ Cf. *Ibidem*, p. 209.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 201. E por isso qualifica Marinho o racionalismo sergiano de "estéril" e a sua crítica de "unilateral" (cf. *NISOT*, pp. 519 e 206, respetivamente). Daí ainda o referir-se à sua "estreiteza" (cf. *TP*, 258), o considerá-lo não um racionalista mas um "intelectualista" (cf. *ibidem*, p. 374), que "ignora todo o verdadeiro sentido da inspiração" (cf. *ibidem*, p. 503), "inspirado em pretéritas formas de cultura europeia" (cf. *FP*, p. 255; a este respeito ver ainda os diversos textos sobre António Sérgio coligidos in *LNOT*, pp. 177-213). Nessa página, estende ainda Marinho a sua crítica a Verney e a Eduardo Lourenço, este "por não se ter libertado ainda do culturalismo europeu" – não obstante, considerava-o, então, "um dos mais dotados e atendidos entre os nossos pensadores ou ensaístas jovens" (cf. *TP*, p. 566).

¹³⁸ De tal modo que Marinho chegou inclusivamente a escrever que "tudo se cifra na relação entre a intuição do *único necessário, único absoluto*, em Antero de Quental, e o *uno unificante* em António Sérgio" (cf. *VCD*, p. 39 (n.19); cf., igualmente, *ibidem*, p. 203: "Na distância que medeia entre o 'uno unificante' e a actividade crítica da razão situa-se António Sérgio num ponto extremo da dicotomia que caracteriza o moderno pensamento filosófico português [...]"). Não obstante estas palavras, considerou, contudo, Marinho que são as relações "Amorim Viana – Sampaio Bruno" e "Sampaio Bruno – Leonardo Coimbra", a par da relação "Leonardo Coimbra – Antero de Quental", "as mais importantes no nosso pensamento filosófico actuante" (cf. *Estudos*, p. 75; cf., igualmente, *ibidem*, pp. 54 e 95).

¹³⁹ *VCD*, p. 203. Apesar deste seu juízo, Marinho reconhece a obra de Sérgio como "a mais influente do nosso tempo" (cf. *Ibidem*, p. 201), por mais que o seu valor tivesse decaído "sempre desde o primeiro volume" (cf. *Cor.*, p. 22), declarando-o mesmo, ainda que com ironia, "o mais ostensivo campeão do racionalismo na filosofia portuguesa contemporânea" (cf. *Ibidem*, pp. 203-204), não personificasse ele "o simplismo da mentalidade reformista e crítica posterior a Luiz António Verney" (cf. *PFLCOT*, p. 505).

140 Cf. Francisco Palma Dias, "Agostinho da Silva, Bandeirante do Espírito", in AA.VV., *Agostinho [da Silva]*, ed. cit., p. 155.

141 *Agostinho da Silva e Vasco de Magalhães-Vilhena entrevistados sobre António Sérgio*, por A. Campos Matos, ed. cit., p. 25.

142 Cf. *O Saber e o Método*. Lisboa: IN-CM, 1982, p. 100.

143 "Um Problema Anteriano (sobre a ideia e a realidade do desprendimento activo na peregrinação moral do autor dos *Sonetos*)", in *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, ed. cit., p. 274.

144 *In Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal*. Lisboa: Sá da Costa, 1974.

A esse respeito, mais compreensivo para com António Sérgio foi Agostinho da Silva, de quem se assumiu discípulo – ainda que por oposição: "mas ele [Sérgio] não me ensinou o racionalismo: ensinou-me antes o irracionalismo, por reacção minha"¹⁴⁰. Num depoimento publicado já postumamente, chega mesmo a defender que António Sérgio "não teve importância para a cultura contemporânea" – nas suas palavras: "o que aconteceu foi que Sérgio esteve muito mergulhado na cultura do seu próprio tempo, e nos aspectos que tinha a cultura do seu próprio tempo, para pular fora dele"¹⁴¹. Eis, de resto, o que, de outro modo, e decerto a partir de outra perspectiva, foi defendido por Manuel Maria Carrilho: "a leitura filosófica de Sérgio é hoje uma leitura deceptiva – e é-o por um certo anacronismo das suas respostas, pela subtil rigidez das suas formulações e pelas generalidades filosoficamente paralisantes que o povoam"¹⁴². Ainda assim, Sérgio foi decerto uma das personalidades mais marcantes do seu tempo, a ponto de, como gosta de dizer Eduardo Lourenço, se ter tornado um "mito cultural".

EXCERTOS:

- "Tal uno unificante é o verdadeiro ser. O Ser-Acto, por conseguinte, é o Eu espiritual, originário, puro de que são degradações – ou prefigurações longínquas – as consciências individuais de cada um de nós."¹⁴³

- "Numerosas pessoas que nestes últimos tempos se têm dado a repetir a minha divisa: 'reforma da mentalidade', lhe atribuem um significado não só diverso, mas até contrário, ao que por essas palavras eu tentei exprimir. O que elas chamam 'reforma da mentalidade' é uma substituição no *conteúdo* das convicções; é deixar de acreditar em certos dogmas políticos para acreditar nos dogmas que lhe são opostos. Ora, o que eu quis significar por aquela máxima não é uma modificação no conteúdo das crenças, e sim na forma do pensamento dos homens, isto é, a passagem da mentalidade catécismal e dogmática (que se encontra igualmente nos dois campos opostos, entre homens da direita e entre homens da esquerda, entre vermelhos e azuis) para a atitude de espírito indagadora e crítica, - para a do livre exame, para a da correcção incessante, para a da discussão aberta, para a da investigação contínua."¹⁴⁴

XIV

Delfim Santos (1907 - 1966)



VIDA:

Nascido no Porto, começou a trabalhar aos onze anos, ajudando o pai, Arnaldo Pinto, na sua oficina de ourivesaria. Após a morte deste, ocorrida em 1922, inscreveu-se no ensino liceal noturno, concluindo em 1927 o Curso Complementar de Ciências e depois o de Letras. Em 1931, licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nos anos seguintes, estuda pela Europa: em Viena, em Berlim e em Londres. Recebeu, em 1940, o grau de Doutor pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, voltando novamente para Berlim até 1942, data em que regressou definitivamente a Portugal. Em 1946, concorreu a Professor Extraordinário da Secção de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e, em 1950, tornou-se o primeiro Professor Catedrático de Pedagogia em Portugal. Participou em numerosos Congressos Internacionais de Filosofia na Europa e, em 1949, integrou a Delegação Portuguesa ao Congresso Nacional de Filosofia em Mendoza, Argentina; com outros intelectuais portugueses, participou, em 1954, nas Comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. Em 1962, criou o Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian, tornando-se seu diretor desde 1963 até à sua morte, ocorrida em 1966, em Cascais. Nesse cargo, não se esqueceu dos seus antigos condiscípulos da Faculdade de Letras do Porto – nomeadamente, de José Marinho, que, por convite de Delfim Santos, integrou também esse Centro de Investigação Pedagógica.

OBRA:

- *Obras Completas: Da Filosofia*, vol. I. Lisboa: FCG, 1982 (2ª).
 - *Obras Completas: Da Filosofia; Do Homem*, vol. II. Lisboa: FCG, 1982 (2ª).
 - *Obras Completas: Do Homem; Da Cultura*, vol. III. Lisboa: FCG, 1987 (2ª).
 - *Obras Completas: Correspondência*, vol. IV. Lisboa: FCG, 1998.
 - *Obras Completas I (1928-1945)*, org. de Cristiana de Soveral. Lisboa: FCG, 2007.
- AA.VV.
- *Delfim Santos e a Escola do Porto*, org. de Cristiana Soveral. Lisboa: IN-CM, 2008.
 - *Delfim Santos: a filosofia e o sentido da existência*, org. de José Gama. Braga: UCP, 2008.
 - *Delfim Santos em Diálogo com...*, coord. de Cristiana de Soveral e Paszkiewicz. Porto: Caixotim, 2009.
- Belo, José Manuel Cardoso
- *Para uma teoria política da educação: actualidade do pensamento filosófico, pedagógico e didáctico de Delfim Santos* (TD- Univ. S. de Compostela, 1994). Lisboa: FCG/ FCT, 1999.
- Carvalho, José Maurício de
- *A ideia de filosofia em Delfim Santos*. Londrina: UEL, 1996.
 - *Filosofia da Cultura: Delfim Santos e o pensamento contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, pp.
- Ganho, Maria de Lourdes Sirgado
- *O Essencial sobre Delfim Santos*. Lisboa: IN-CM, 2002.
- Marques, Maria de Lurdes dos Santos Fonseca

¹⁴⁵ *Filosofia*, p. 45. Subtil, abissal distinção essa que Pinharanda Gomes também enunciou: “Geral é quanto cinde; universal é quanto une. Do primeiro nos vem a ciência, do segundo nos vem a filosofia.” (*Pensamento e Movimento*. Porto: Lello, 1974, p. 144).

¹⁴⁶ *In Estudos*, pp. 111-118.

¹⁴⁷ Cf. *Ética, Filosofia e Religião: estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*. Évora: Pendor, 1997, p. 16.

¹⁴⁸ *In Delfim Santos: Obras Completas*, ed. cit., vol. III, p. 333.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 334.

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 528.

- *O Pensamento Filosófico de Delfim Santos* (TM-UM, 2001). Lisboa: IN-CM, 2007.

Miranda, Manuel Guedes da Silva

- *Delfim Santos: a metafísica como filosofia fundamental* (TD-UCP, 2000). Lisboa: FCG/FCT, 2003.

Paszkievicz, Cristiana Abranches de Soveral e

- *A Filosofia Pedagógica de Delfim Santos* (TD-UTAD, 1997). Lisboa: IN-CM, 2000.

PENSAMENTO:

Expressamente na esteira de Delfim Santos, defendeu José Marinho que “o geral tem âmbito mais restrito e insere-se na prossecução de conceitos, o verdadeiro universal está já numa relação da intuição para a ideia e vincula o singular concreto e indefinível com o uno ou o único transcendente”¹⁴⁵. Daí a sua noção de “situação”, na perspectiva de Marinho, a noção chave da filosofia de Delfim Santos – pelo menos, a noção de que partiu para expor o seu pensamento, numa conferência intitulada “Delfim Santos e a Filosofia Situada”, proferida numa sessão de homenagem àquele filósofo realizada em 1966¹⁴⁶. De resto, essa é também a perspectiva de outros hermeneutas, nomeadamente, de António Braz Teixeira – nas suas palavras, “o conhecimento do homem [para Delfim Santos] só é possível a partir da noção de *situação*, a única que nos permite saber *quem* é esse ‘animal metafísico’ a que chamamos homem”¹⁴⁷.

EXCERTOS:

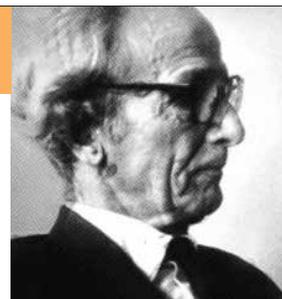
- “Uma língua é muito mais do que um *meio* de expressão. Uma língua tem em si limites que não pode ultrapassar: ela condiciona a manifestação das possibilidades do pensamento do povo ou dos povos que a falam. São dois aspectos correlativos: não há linguagem sem pensamento e não há pensamento sem linguagem, e o desenvolvimento de ambos é condição recíproca. Não há filo-sofia sem filo-logia, como também e reciprocamente não há filo-logia sem filo-sofia. Mas esta posição do problema é resultante dum dualismo teoricamente injustificável e pedagogicamente pernicioso – o *logos* é pensamento e palavra.”¹⁴⁸

- “Uma língua eslava, uma língua germânica e uma língua latina, para nós nos referirmos à Europa, são cada uma delas a expressão dum mundo diferente e com limites não coincidentes. Quando se afirma que tal pensador russo foi traduzido em alemão ou que tal pensador alemão foi traduzido em francês, isto, na verdade, apenas diz o seguinte: que em tal pensador russo foi traduzido para alemão o que na sua ‘forma de pensamento’ se deixa compreender na língua alemã, ou que para francês foi traduzido do alemão aquilo que no pensador alemão é transferível para francês. Infelizmente, cada língua tem sempre uma base de referência que não coincide com a base de referência de qualquer outra e que é determinada pela história da cultura do povo que a fala.”¹⁴⁹

- “A consciência nacional, sob o aspecto da cultura, é a consciência do futuro que resulta da elucidação do presente, que, como tal, está sendo tratado [...]. Talvez a este respeito estejamos atravessando uma crise grave. Não temos hoje uma plêiade de ensaístas com intenção formativa para auxiliar o fortalecimento da consciência de ser portugueses.”¹⁵⁰

XV

José Marinho (1904 - 1975)



VIDA:

Nascido no Porto, ingressou, com apenas dezasseis anos, na Faculdade de Letras dessa mesma cidade. Não obstante ter frequentado em simultâneo as disciplinas dos cursos de Filologia Românica e de Filosofia, optou por concluir a licenciatura em Filologia, tendo para tal apresentado uma dissertação sobre a obra de Teixeira de Pascoaes (*Ensaio sobre a obra de Teixeira de Pascoaes*, 1925). Já licenciado, e casado, leciona até ao final da década de vinte em diversos liceus do Porto. Por volta de 1930, frequenta a Escola Normal Superior em Coimbra e trava conhecimento com Joaquim de Carvalho, que o convida para ser seu assistente. Por relutância em “subir à carreira universitária”, acaba por recusar esse convite, optando por se manter como professor liceal – primeiro em Bragança, entre os anos de 1931 e 32, depois em Faro, entre os anos de 1933 e 34, e em Viseu, entre os anos de 1934 e 37. Entretanto, trava uma acesa polémica com António Sérgio, do qual se vem a afastar definitivamente, e, a pedido de Leonardo Coimbra, escreve o prefácio do segundo volume do seu livro sobre a filosofia de Henri Bergson. Profundamente abalado com a morte do seu “mestre para a vida inteira”, ocorrida em 1936, retoma ainda a redação da sua obra *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, que só dará por terminada em 1945. Entretanto, em 1937, por ter protestado pela inclusão abusiva do seu nome num telegrama de repúdio a um atentado a Salazar, é detido por alguns meses. Para além disso, é-lhe ainda retirada a licença de ensino. Face a todas essas contrariedades, muda-se, com a família, para Lisboa, onde vem a reencontrar muitos dos seus condiscipulos da Faculdade de Letras do Porto, aos quais entretanto se tinham juntado outros nomes, como, entre outros, António Quadros, Afonso Botelho e Eudoro de Sousa. Para além das muitas traduções que, por necessidades económicas, foi fazendo, dedica-se cada vez mais àquela que será a sua obra de maior fôlego metafísico, *Teoria do Ser e da Verdade*, apenas publicada em 1961. No seguimento da publicação desta, José Marinho é convidado, por Delfim Santos, para integrar o Centro de Estudos Pedagógicos da Fundação Calouste Gulbenkian, onde se manterá até ao seu falecimento, que se consumará no dia 5 de agosto de 1975, após prolongada doença. É ainda com o apoio desse Centro de Estudos que vem a redigir a sua última obra, que será publicada já postumamente (*Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, 1976).

OBRA:

- *Teoria e Metodologia do Ensino de Português e Francês*. Relatório apresentado a exame de Estado para o segundo grupo do magistério liceal. Porto: Edição do Autor, 1931 (*Ensaios*, pp. 455-471).
- *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1945 (*PFLCOT*, pp. 121-207).
- *Teoria do Ser e da Verdade*. Lisboa: Guimarães Ed., 1961.
- *Elementos para uma antropologia situada*. Lisboa: FCG/ Centro de Investigação Pedagógica, 1966.
- *Filosofia: ensino ou iniciação?*. Lisboa: FCG/ Centro de Investigação Pedagógica, 1972.
- *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*. Porto: Lello, 1976.

¹⁵¹ *Teoria*, p. 137.

¹⁵² *Estudos*, p. 116.

- *Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*. Lisboa: BN, 1981.
 - *Aforismos sobre o que mais importa*, "Obras de José Marinho", vol. I. Lisboa: IN-CM, 1994.
 - *Ensaios de aprofundamento e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. II. Lisboa: IN-CM, 1995.
 - *Significado e Valor da Metafísica e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. III. Lisboa: IN-CM, 1996.
 - *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. IV. Lisboa: IN-CM, 2001.
 - *Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. V. Lisboa: IN-CM, 2003.
 - *Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade*, "Obras de José Marinho", vol. VI. Lisboa: IN-CM, 2005.
 - *Da Liberdade Necessária e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. VII. Lisboa: IN-CM, 2006.
 - *Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. VIII. Lisboa: IN-CM, 2007.
 - *Teoria do Ser e da Verdade e outros textos*, "Obras de José Marinho", vol. IX. Lisboa: IN-CM, 2009, tomo 1. AA.VV.
 - *José Marinho: 1904-1975*. Lisboa: BN, 2004.
 - *Repensar José Marinho: comemoração do centenário do seu nascimento*, coord. de Maria José Cantista e Maria Celeste Natário. Porto: Campo das Letras, 2005.
 - *O Pensamento e a Obra de José Marinho e de Álvaro Ribeiro*. Lisboa: IN-CM/UCP: Centro Regional do Porto, 2005, 2 vols.
- Epifânio, Renato
- *Fundamentos e Firmamentos do Pensamento Português Contemporâneo: uma perspectiva a partir da visão de José Marinho* (TD-UL, 2004). Lisboa: IN-CM, 2007.
 - *Exposição da "Teoria do Ser e da Verdade": uma viagem através da viagem de José Marinho* (TM-UL). Lisboa: UL, 1999.
 - *Via Aberta: de Marinho a Pessoa, da Finisterra ao Oriente*. Lisboa: Zéfiro, 2009.
- Rivera, Jorge Croce
- *A meditação do tempo no pensamento de José Marinho* (TM-UL). Lisboa: UL, 1989.
 - *A Doutrina do Nada: o pensamento meontológico de José Marinho* (TD-UA). Ponta Delgada: Univ. dos Açores, 1998.

PENSAMENTO:

Cumpriu-se o pensamento marinhiano à luz de dois pólos em geral tidos como antitéticos: o do "espírito" e o da "terra". À luz do primeiro, desenvolveu um pensamento aparentemente "insituado no espaço e no tempo" que teve na *Teoria do Ser e da Verdade* a sua expressão máxima, ainda que não última. À luz do segundo, desenvolveu o conceito de "filosofia situada".

Expressão máxima, e última, desse outro desenvolvimento foi a sua obra, publicada já postumamente, *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, obra em que José Marinho definitivamente assumiu não apenas a "responsabilidade do espírito", ou da "união cumulativa" – conforme se pode ler na *Teoria do Ser e da Verdade*, a "responsabilidade crucial, a mais séria, a mais grave, responsabilidade decisiva no humano existir, de ligar o que se separou, de mais profundamente unir o que se cindiu, de tornar e fazer tornar o ser na cisão ao uno de todo o unívoco, à verdade no espírito e segundo o espírito"¹⁵¹–, como, cumulativamente ainda, "a responsabilidade séria e grave de filosofar na própria terra"¹⁵². É, aliás, por ter feito essa dupla assunção, que Marinho foi, para nós, um "filósofo integral".

EXCERTOS:

- “A filosofia é o desenvolvimento de uma visão autêntica do ser e da verdade numa situação concreta do homem e do pensar do homem no espaço e no tempo.” ¹⁵³

153 VCD, p. 244.

- “Ser cidadão do mundo, essa confiante aspiração dos estóicos, está a caminho de ser uma terrível banalidade.” ¹⁵⁴

154 FP, p. 48.

- “Os povos, como nascentes e manifestações terrestres do espírito, têm iniludível fisionomia espiritual, embora esta se configure de modo menos apreensível que o expressivo rosto dos homens singulares.” ¹⁵⁵

155 Estudos, p. 19.

- “A situação de Portugal se afigura pior num sentido e noutra sentido melhor que a dos povos de além-Pirinéus. Pior, porque nos faltou e falta o processo de desenvolvimento científico com tudo quanto o acompanhou, com a experiência e gradual reflexão que lhes foi própria, dos povos nossos irmãos mais próximos dos quais nos distanciámos. Melhor porque, justamente por nos ter mantido na obstinada fidelidade ao que foi, se torna possível, com a cisão extrema para todo o passado, na floresta de maravilhas e terrores a que a Europa veio e para a qual arrasta o mundo, uma perspectiva diversa e complementar, e talvez não menos funda, ou não menos lúcida que a deles. Tudo depende evidentemente de filosofarmos e das condições de filosofarmos.” ¹⁵⁶

156 VCD, p. 259.

XVI**Álvaro Ribeiro (1905 - 1981)****VIDA:**

Nascido no Porto, foi, entre 1917 e 1919, aluno interno num colégio dominicano em Paris, só mais tarde ingressando no Curso Geral dos Liceus no Liceu Rodrigues de Freitas. Licenciou-se depois em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi discípulo de Leonardo Coimbra e um dos fundadores em Lisboa do movimento da “Filosofia Portuguesa” na companhia do seu amigo José Marinho, entre outros. Com uma vida sempre precária no plano económico, mas sempre cheia no plano filosófico – animada por múltiplas tertúlias –, vem a falecer em Lisboa, onde viveu grande parte da sua vida.

OBRA:

- *O Problema da Filosofia Portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1943.
- *Leonardo Coimbra (apontamentos de biografia e bibliografia)*. Lisboa: Editorial Império, 1945.
- *Sampaio (Bruno)*. Lisboa: Edições SNI, 1947.

¹⁵⁷ Cf. Cor., p. 33.

- *Os Positivistas: subsídios para a história da filosofia em Portugal*. Lisboa: Distribuidora Livraria Popular de Francisco Franco, 1951.
- *Apologia e Filosofia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1953.
- *A Arte de Filosofar*. Lisboa: Portugália, 1955.
- *A Razão Animada: sumário de antropologia*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1957.
- *Escola Formal*. Lisboa: Guimarães Editores, 1959.
- *Estudos Gerais*. Lisboa: Guimarães Editores, 1961.
- *Liceu Aristotélico. Lógica e psicologia*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 1962.
- *A Literatura de José Régio*. Lisboa: Soc. de Expansão Cultural, 1969.
- *Escritores Doutrinados*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 1965.
- *Uma coisa que pensa (ensaios)*. Braga: Editora Pax, 1975.
- *Memórias de um Letrado, I, II e III*. Lisboa: Guimarães Editores, 1977, 1979 e 1980.
- *As Portas do Conhecimento: dispersos escolhidos*, compil. e pref. de Pinharanda Gomes. Lisboa: Instituto Amaro da Costa, 1987.
- *Cartas para Delfim Santos (1931-1956)*, org., introd. e notas de Joaquim Domingues, pref. de António Braz Teixeira. Lisboa: Fund. Lusíada, 2001.
- *Dispersos*, org. e apres. de Joaquim Domingues. Lisboa: IN-CM, 2004/ 2005, 3 vols. AA.VV.
- O pensamento da cultura de língua portuguesa – nos trinta anos da morte de Álvaro Ribeiro, *NOVA ÁGUIA: REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI*, n.º 8, 2.º semestre de 2011.
- *O pensamento de Álvaro Ribeiro*. Lisboa: IN-CM, 2006.
- *O Pensamento e a Obra de José Marinho e de Álvaro Ribeiro*. Lisboa: IN-CM/UCP: Centro Regional do Porto, 2005, 2 vols.
- *Teoremas de Filosofia*. Porto: Outono de 2005, n.º 12.
- *Álvaro Ribeiro e a Filosofia Portuguesa* (actas do colóquio), org. de Joaquim Domingues. Lisboa: Fund. Lusíada, 1995.
- *Nova Renascença* (n.º dedicado a Álvaro Ribeiro). Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1993, n.º 48.
- Domingues, Joaquim
- *Filosofia Portuguesa para a Educação Nacional: introdução à obra de Álvaro Ribeiro* (TM-UM, 1994). Lisboa: Fund. Lusíada, 1997.
- Franco, António Cândido
- *Teoria da Literatura na Obra de Álvaro Ribeiro*. Lisboa: Ed. de Ramos Afonso da Moita, 1993.
- Gala, Elísio
- *A Filosofia Política de Álvaro Ribeiro* (TM-UCP, 1998). Lisboa: Fund. Lusíada, 1999.
- Martins, Pedro
- *O Céu e o Quadrante: desocultação de Álvaro Ribeiro*. Vila Viçosa: Serra d'Ossa, 2008.

PENSAMENTO:

José Marinho e Álvaro Ribeiro consideravam-se “irmãos”. Tiveram o mesmo “mestre”, o mesmo “pai espiritual”: Leonardo Coimbra. Professor de ambos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde estudaram, Leonardo permaneceu, para os dois, um “mestre para a vida inteira”.

Ainda que tenham dado conta disso em vida, foi, particularmente, após a morte de Leonardo Coimbra que ambos expressaram o quanto Leonardo foi para os dois um “mestre”, um “pai espiritual”, e, nessa medida, o quanto José Marinho e Álvaro Ribeiro foram efetivamente “irmãos”. Ribeiro chegou, aliás, a qualificar Marinho como seu “irmão mais velho em Leonardo Coimbra”, numa carta que lhe remeteu, escassos dias após a morte de Leonardo¹⁵⁷.

Nessa carta, datada de 14 de janeiro de 1936, Álvaro Ribeiro, ainda perceptivelmente em estado de choque pela morte – completamente inesperada (como é sabido, Leonardo morreu num acidente de viação) – daquele que, nas suas palavras, “abriu os nossos olhos para a vida espiritual”, fala ainda, de resto, da “responsabilidade tremenda” que a morte de Leonardo Coimbra deixou sobre todos os seus discípulos.

Na carta de resposta, manifesta Marinho esse mesmo sentimento – nas suas palavras: “Meu Caro Álvaro: Não lhe escrevi porque, você o sabe, em mim a amargura é como um grande rio que parece afogar-me. Preciso de lutar só. Só com o meu sentido de ser, da sobrevivência e do divino. Apenas agora posso escrever-lhe mais liberto e mais puro./ Tenho a dizer-lhe, caro Álvaro, que as horas de devaneio e de ensaios estão passadas. Oxalá você sinta bem aquilo de que me fala, a grave responsabilidade que contraímos com a morte daquele que nos deu o ser espiritual”¹⁵⁸.

“Irmãos em Leonardo Coimbra”, “irmandade” essa bem expressa, por ambos, nestas duas cartas, José Marinho e Álvaro Ribeiro seguiram, contudo, caminhos autónomos¹⁵⁹. Filósofos de corpo inteiro, assumiram, cada um deles, as suas posições, não ficando dependentes um do outro, de tal modo que chegaram mesmo a divergir significativamente – em três questões, pelo menos: no significado e valor do “ateísmo”, na alegada “compatibilidade entre a Filosofia Portuguesa e a Filosofia Católica” e, por fim, na alegada “superioridade da Filosofia Portuguesa”¹⁶⁰.

EXCEROTOS:

- “Meditando sobre a ambição dos povos germânicos e eslavos, que pretendem estabelecer e dominar o *caminho continental* que liga o extremo Ocidente com o Oriente extremo, saibamos ver a superioridade do *caminho marítimo* que devemos às tradições conservadas pelos navegadores portugueses.”¹⁶¹

- “A persistência do barco na literatura portuguesa é sinal de uma originalidade que em tudo se opõe, como a inversão das naves, à figura da cate-dral, característica de outras culturas mais presas à terra, ou à pedra.”¹⁶²

- “Se o simbolismo da terra é inferior ao simbolismo da água, se o simbolismo pagão da agricultura é inferior ao simbolismo cristão da pescaria, se o simbolismo do túmulo é inferior ao simbolismo da nave, a navegação portuguesa, utilizando os elementos superiores da física, correspondia à tradição de mais fluído e subtil simbolismo. A Terra é uma nave, e as viagens em demanda do Oriente pelo Ocidente visaram a promessa cristã de reintegração do Homem e da Natureza no plano primitivo ou original.”¹⁶³

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 36.

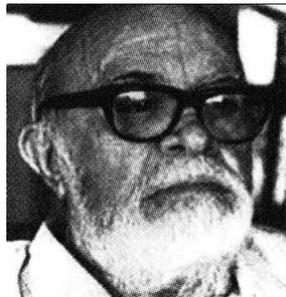
¹⁵⁹ Sobretudo pelas razões que o próprio Marinho enunciou: “A dificuldade procede visivelmente de que o meu pensamento se situa de modo contrapolar do seu. Para mim, com efeito, a chamada filosofia humanista está posta radicalmente em causa, e podemos pelo menos perguntar-nos se toda a espécie de humanismo cristão, agnóstico ou ateu, não entrou já no que diríamos a catastrófica e gloriosa agonia. A filosofia antropológica, antropática e antropolática, mesmo referida ao Deus-Homem, alcançou a exaustão: desde agora os seus caminhos se encontram ante a muralha intransponível ou perante o abismo.” (*FP*, p. 353); “Álvaro Ribeiro é, como tantos outros pensadores de tradição portuguesa ou europeia, demasiado cristão – se entendermos por cristão o pensador imoderadamente amigo do homem.” (*ibidem*, p. 246); “... não posso acompanhar Álvaro Ribeiro na sua valorização do termo médio, da razão, da palavra, escrita mesmo com maiúscula, no seu humanismo, na sua confiança e obsessivo amor dos homens. De uma coisa estou seguro: o humanismo, cristão ou agnóstico ou ateu, idealista à maneira de António Sérgio, ou materialista, terminou o seu ciclo.” (*ibidem*, p. 534; cf., igualmente, *ibidem*, pp. 264 e 269). Em abono do seu “irmão” Álvaro Ribeiro, escreveu, contudo: “nenhum pensador português nos tempos modernos conseguiu numa construção cerrada e com estilo ao mesmo tempo clássico e original conciliar o que chamamos exigência da razão e sentido de transcendência. Consciente e expressamente tributário das filosofias de Sampaio Bruno e de Leonardo Coimbra, atento, o que não é menos, ao significado não apenas literal do magistério de Leonardo Coimbra – nenhum magistério é apenas literal e conceptual mas simbólico e exemplar – Álvaro Ribeiro concitou contra si, como bom sinal, a incompreensão da maioria dos crentes bem mais titulados representantes do esquerdismo e do direitismo.” (*ibidem*, p. 249); “Álvaro Ribeiro é hoje, em toda a Europa, um daqueles que assumem a responsabilidade de ser filósofo” (*ibidem*, p. 216); “Depois de Leonardo Coimbra, nada foi escrito em Portugal com a significação filosófica da obra de Álvaro Ribeiro.” (*ibidem*, p. 244). Isto apesar de considerar a sua filosofia como “contraditória” (cf. *ibidem*, p. 243).

¹⁶⁰ Conforme desenvolvemos em: “Entre José Marinho e Álvaro Ribeiro: uma irmandade em cisão”, in AA.VV., *O Pensamento e a Obra de José Marinho e de Álvaro Ribeiro*. Lisboa: IN-CM/ UCP: Centro Regional do Porto, 2005, vol. II, pp. 277-292.

¹⁶¹ *A Arte de Filosofar*, ed. cit., p. 243.

¹⁶² *Ibidem*, p. 228.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 140.



XVII

Eudoro de Sousa (1911 - 1987)

¹⁶⁴ *Sempre o Mesmo acerca do mesmo*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980, p. 54; mais recente edição: *Horizonte e Complementaridade/ Sempre o Mesmo acerca do Mesmo*, pref. de Fernando Bastos. Lisboa: IN-CM, 2002.

VIDA:

Nascido na capital portuguesa, realiza os seus estudos superiores na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, especializando-se, depois, em Filologia Clássica e História Antiga na Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Em 1953, muda-se para o Brasil, onde integra o chamado “Grupo de São Paulo”, um grupo de intelectuais que se reúne em torno da revista *Diálogo* e do Instituto Brasileiro de Filosofia. Exerce ainda atividades docentes na Universidade de São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica, no Instituto Brasileiro de Filosofia e na Faculdade de Filosofia de Campinas. Em 1955, muda-se para Santa Catarina, onde foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Estado. Em 1962, transfere-se para Brasília, onde vem a falecer, tornando-se um dos fundadores da Universidade da nova capital brasileira.

OBRA:

- *Dioniso em Creta e outros ensaios*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973/ Lisboa: IN-CM, 2004.
- *Mitologia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980/ Lisboa: IN-CM: 2004.
- *História e Mito*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981/ Lisboa: IN-CM, 2004.
- *Sempre o Mesmo acerca do mesmo*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980/ Lisboa: IN-CM, 2002.
- *Origem da Poesia e da Mitologia e outros ensaios dispersos*. Lisboa: IN-CM, 2000.
- *Horizonte e Complementaridade/ Sempre o Mesmo acerca do Mesmo*. Lisboa: IN-CM, 2002. AA.VV.
- *Mito e Cultura: Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa* (atas do V Colóquio Tobias Barreto). Lisboa: IFLB, 2001.
- *Revista Humanidades*, nº 50. Brasília, setembro de 2003, 164 pp. Bastos, Fernando
- *Mito e Filosofia: Eudoro de Sousa e a Complementaridade do Horizonte* (TD-Univ. Gama Filho, 1990). Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1998 (2ª).
- Lóia, Luís
- *O essencial sobre Eudoro de Sousa*. Lisboa: IN-CM, 2007.

PENSAMENTO:

A qualificação pode chocar na sua literalidade, dado o seu sentido mais comum, mas nem por isso vamos evitá-la: Eudoro de Sousa foi um filósofo anti-humanista. Ser anti-humanista, desde já o esclarecemos, não significa propriamente ser “contra a Humanidade”, como mais imediatamente se poderá inferir. Significa antes, e para usar termos caros a Eudoro de Sousa, que a condição humana não é tanto um *limite* como um *limiar*.

Com efeito, como escreveu o próprio Eudoro de Sousa, “o homem tem diante de si o dever de transpor todos os limites da sua humanidade, o que, afinal, também significa que deve desumanizar-se tanto quanto possível”¹⁶⁴. Uma vez mais, este último repto – “desumanizar-se tanto quanto possível” – pode chocar

na sua literalidade. Decerto, Eudoro de Sousa não está a sugerir que pratiquemos atos que, quando praticados, levam, no seu sentido mais comum, à qualificação de “desumano”.

Na verdade, trata-se justamente do contrário: Eudoro de Sousa apela a uma condição trans-humana, e não infra-humana, e não animalesca. Simplesmente, essa trans-humanidade tende a ser vista, pelo menos pelo senso comum, como uma desumanidade.

¹⁶⁵ *Dioniso em Creta e outros ensaios*, ed. cit., pp. 156-157.

¹⁶⁶ “Entrevista ao *Jornal de Brasília*”, in *Origem da Poesia e da Mitologia e outros ensaios dispersos*, ed. cit., p. 364.

EXCERTOS:

- “Posto no centro, ou melhor, determinando a existência de um centro, pela sua posição na natureza, o Homem interiorizou e fechou o antigo mundo dos deuses, que não tinha dentro nem fora. Depois, dentro só ficou o Homem./ Talvez à filosofia, como à história, não seja dado senão descrever este processo de desdivinização e dessacralização do mundo, cujo resultado foi a humanização do Homem, a ‘naturação’ da Natureza e, porque não dizê-lo?, a divinização de Deus.” ¹⁶⁵

- “Estamos em crise, sem dúvida: e aquilo que se chama história não volta atrás. Mas talvez tenhamos de recomeçar (em outro plano existencial) o movimento que os gregos, um dia, começaram. E, se assim for, estaremos dando início a uma nova [era?] que, provavelmente, não terá o seu fulcro mítico nem no Homem, nem em Deus, nem na Natureza. Talvez em algo que seja tudo isso, sem ser nada disso.” ¹⁶⁶

XVIII

Agostinho da Silva (1906 - 1994)



VIDA:

Nascido no Porto, frequentou também a célebre Faculdade de Letras dessa cidade – primeiro no Curso de Românicas, depois em Filologia Clássica. Em 1928, termina a sua licenciatura e passa a colaborar na Revista *Seara Nova*. Em 1931, parte para Paris, como bolseiro, e estuda na Sorbonne e no Collège de France. Em 1935, é demitido do ensino oficial por não ter assinado a Lei Cabral (obrigatória para todos os funcionários públicos). Em 1943, chega a estar preso pela PVDE na Prisão do Aljube, em virtude do seu ativismo cultural e cívico. Em 1944, abandona Portugal e parte para o Brasil, onde permanece cerca de 25 anos – aí funda uma série de Universidades e Centros de Estudos. Em 1969, regressa a Portugal, onde viverá os últimos 25 anos da sua vida.

OBRA:

- *Carta Vária*. Lisboa: Relógio d'Água, 1988/ 1990 (3ª).
- *Considerações e outros textos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988/ 1989 (2ª).
- *Dispersos*, introd. de Fernando Cristóvão, apres. e org. de Paulo A. E. Borges. Lisboa: ICALP, 1988/ 1989 (2ª, revista e aumentada).

- *Uns Poemas de Agostinho*. Lisboa: Ulmeiro, 1989/ 1997 (4ª).
- *Educação de Portugal*. Lisboa: Ulmeiro, 1989/ 1996 (3ª); *Textos Pedagógicos*, ed. cit., vol. II, pp. 89-151.
- *Quadras Inéditas*. Lisboa: Ulmeiro, 1990/ 1997 (2ª).
- *Do Agostinho em torno do Pessoa*. Lisboa: Ulmeiro, 1990/ 1997 (2ª).
- *Ir à Índia sem Abandonar Portugal/ Considerações/ outros textos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1994.
- *Vida Conversável*, org. e pref. de Henryk Siewierski. Brasília: Núcleo de Estudos Portugueses, CEAM/ UNB, 1994; Lisboa: Assírio & Alvim, 1994/ 1998 (2ª).
- *Conversas com Agostinho da Silva*, entrevista de Victor Mendanha. Lisboa: Pergaminho, 1994/ 1998 (9ª).
- *A Última Conversa*, entrevista de Luís Machado, pref. de Eduardo Lourenço. Lisboa: Notícias, 1995/ 2001 (8ª).
- *O Império acabou. E agora?*, entrevista de Antónia de Sousa. Lisboa: Notícias, 2000/ 2001 (4ª).
- *Textos e Ensaios Filosóficos*, org. de Paulo A. E. Borges. Lisboa: Âncora/ Círculo de Leitores, 1999, 2 vols.
- *Textos Pedagógicos*, org. de Helena M. Briosa e Mota. Lisboa: Âncora/ Círculo de Leitores, 2000, 2 vols.
- *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira*, org. de Paulo A. E. Borges. Lisboa: Âncora/ Círculo de Leitores, 2000/ 2001, 2 vols.
- *Estudos sobre Cultura Clássica*, org. de Paulo A.E. Borges. Lisboa: Âncora/ Círculo de Leitores, 2002.
- *Estudos e Obras Literárias*, org. de Paulo A. E. Borges. Lisboa: Âncora/ Círculo de Leitores, 2002.
- *Biografias*, org. de Helena M. Briosa e Mota. Lisboa: Âncora/ Círculo de Leitores, 2003, 3 vols.
- *Textos Vários/ Dispersos*, org. de Paulo A. E. Borges. Lisboa: Âncora/ Círculo de Leitores, 2003.
- *Agostinho da Silva: uma antologia*, org. e apres. de Paulo Borges. Lisboa: Âncora, 2006.
- *Agostinho da Silva: ele próprio* (transcrição de uma gravação realizada por António Escudeiro). Lisboa: Zéfiro, 2006.
- *Viva a República! Viva o Rei! Cartas Inéditas de Agostinho da Silva*, org. de Teresa Sabugosa. Lisboa: Zéfiro, 2006.
- *Caderno de Lembranças*, fixação do texto, transcrição, introdução e notas por Amon Pinho Davi e Romana Valente Pinho. Lisboa: Zéfiro, 2006.
- *Pensamento à solta: um manuscrito autógrafa*, introdução, leitura paleográfica, fixação do texto, notas históricas e filológicas de Pedro Agostinho. Salvador da Bahia: EDUFBA, 2006.
- *Citações e Pensamentos de Agostinho da Silva*, org. de Paulo Neves da Silva. Lisboa: Casa das Letras, 2009.
- *Universidade: testemunho e memória*, org. e apres. de Henryk Siewierski, pref. de José Santiago Naud. Brasília: Cátedra Agostinho da Silva/ Universidade de Brasília, 2009.
- *Comunidade Luso-Brasileira e outros ensaios*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009. AA.VV.
- *Tradição e Inovação: sua unidade em Agostinho da Silva*. Porto: C.A.D.A., 1996-1999.
- *Agostinho [da Silva]*. São Paulo: Green Forest do Brasil Editora, 2000.
- *I Ciclo Agostiniano* (atas). Faial: Faialentejo, 2003.
- *Agostinho da Silva, um pensamento a descobrir*. Torres Vedras: Cooperativa de Comunicação e Cultura/ Associação Agostinho da Silva, 2004.
- *II Ciclo Agostiniano* (atas). Faial: Faialentejo, 2005.
- *Agostinho da Silva e o pensamento luso-brasileiro*, org. de Renato Epifânio. Lisboa: Âncora Ed./ Associação Agostinho da Silva, 2006.
- *In Memoriam de Agostinho da Silva*, org. de Renato Epifânio, Romana Valente Pinho e Amon Pinho Davi. Lisboa: Zéfiro, 2006.

- *Agostinho da Silva, pensador do mundo a haver*, Atas do Congresso Internacional do Centenário, pref. de Paulo Borges, org. e introd. de Renato Epifânio. Lisboa: Zéfiro, 2007.

- *Agostinho da Silva e o Espírito Universal*. Sesimbra: CMS, 2007.

- "Agostinho da Silva e a Ibéria", *Iberografias: Revista de Estudos ibéricos*, n.º 3, 2007.

- *Convergência Lusíada*, Revista do Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, n.º 23 (n.º dedicado a Agostinho da Silva), 2007.

- Revista *Ideação*, Universidade Estadual de Feira de Santana, n.º 17, (n.º dedicado a Agostinho da Silva), 2007.

- *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*, org. de Amândio Silva e Pedro Agostinho da Silva. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/ Ministério da Cultura, 2007.

- "O Legado de Agostinho da Silva: quinze anos após a sua morte", *NOVA ÁGUIA: REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI*, Lisboa, Zéfiro, 1.º semestre de 2009, n.º 3.

Borges, Paulo

- *Tempos de ser Deus: a espiritualidade ecuménica de Agostinho da Silva*. Lisboa: Âncora, 2006.

Castro, Maria Teresa R. N.

- *Agostinho da Silva: naturalidade e transcendência no acesso a Deus* (TM-UM, 2002). Guimarães: Editora Cidade Berço, 2005.

Ellys [Elizabete de Almeida]

- *Raízes intemporais da vida e da alma de Agostinho da Silva*, pref. de Jorge de Matos. Lisboa: Sete Caminhos, 2006.

Epifânio, Renato

- *Visões de Agostinho da Silva*. Lisboa: Zéfiro, 2006.

- *Perspectivas sobre Agostinho da Silva*. Lisboa: Zéfiro, 2008.

Epifânio, Renato/ Borges, Paulo

- *Agostinho da Silva: pensamento e acção*. Lisboa: Associação Agostinho da Silva, 2006.

Flórido, José

- *Um Agostinho da Silva: correspondência com o autor*. Lisboa: Ulmeiro, 1995.

- *Reencontrar Agostinho da Silva: o poeta e o poema*, pref. de Paulo Borges. Lisboa: Zéfiro, 2006.

- *O Caminho da Afirmação/ O Caminho da Renúncia*. Lisboa: Zéfiro, 2006.

Gomes, Pinharanda

- *Agostinho da Silva: História e Profecia*. Lisboa: Zéfiro, 2009.

Lopes, Amélia dos Santos

- *A dimensão pedagógica e cultural de Agostinho da Silva*. Porto: Profedições, 2006.

Manso, Artur

- *Filosofia Educacional na Obra de Agostinho da Silva* (TM-UTAD, 2005). Braga: Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2007.

- *Agostinho da Silva: introdução ao estudo da evolução da sua vida, obra e pensamento* (TM). Braga: UM, 1998.

- *Agostinho da Silva: aspectos da sua vida, obra e pensamento*, pref. de José Carlos de Oliveira Casulo. Gaia: Estratégias Criativas, 2000.

- *Agostinho da Silva 1906-1994*. Gaia: Estratégias Criativas, 2004.

Mota, Helena M. Biosa e/ Carvalho, Margarida L. S.

- *Uma introdução ao pensamento pedagógico de Agostinho da Silva*, pref. de Manuel Ferreira Patrício. Lisboa: Hugin, 1996.

Pinho, Romana Valente

- *O Essencial sobre Agostinho da Silva*. Lisboa: IN-CM, 2006.

- *Religião e Metafísica no Pensar de Agostinho da Silva* (TM-UL, 2004). Lisboa: IN-CM, 2006.

Real, Miguel

- *Agostinho da Silva e a Cultura Portuguesa*. Porto: Quidnovi, 2007.

167 *Conversas com Agostinho da Silva*, ed. cit., pp. 30-31.

168 Arquivo da Associação Agostinho da Silva, *Cortina 1* (inédito).

PENSAMENTO:

Se, aparentemente, Agostinho da Silva passou por uma “fase pró-integralista”, entre 1925 e 1927, e depois, a partir de 1928, por uma “fase pró-europeísta”, de franca adesão ao ideário sergiano e da *Seara Nova* em geral, no Brasil começa um nova fase, já não assente na preocupação de difundir uma “cultura geral”, de que são expressão os seus Cadernos dos anos 30 e 40. A partir daqui e até ao final da sua vida, será a “cultura portuguesa”, no seu alcance universal, o horizonte primacial do seu questionamento. A nosso ver, a obra *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa* (1957) é a primeira grande expressão desse questionamento: sobre a cultura portuguesa, sobre o seu sentido histórico.

EXCERTOS:

- “Do rectângulo da Europa passámos para algo totalmente diferente. Agora, Portugal é todo o território de língua portuguesa. Os brasileiros poderão chamar-lhe Brasil e os moçambicanos poderão chamar-lhe Moçambique. É uma Pátria estendida a todos os homens, aquilo que Fernando Pessoa julgou ser a sua Pátria: a língua portuguesa. Agora, é essa a Pátria de todos nós.”¹⁶⁷

- “A direita me considera como da esquerda; esta como sendo eu inclinado à direita; o centro me tem por inexistente. Devo estar certo.”¹⁶⁸



XIX

António Quadros (1923 - 1993)

VIDA:

Nascido em Lisboa, onde também veio a falecer, licenciou-se em Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade desta cidade. Pensador, crítico e professor, também poeta e ficcionista, foi um dos fundadores da extinta Sociedade Portuguesa de Escritores. Fundou a atual Associação Portuguesa de Escritores e o Instituto de Arte, Decoração e Design (IADE). Foi diretor das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, dirigiu a coleção Biblioteca Breve (ICALP) e foi um dos fundadores e diretores das revistas de cultura *Acto*, *57* e *Espiral*.

OBRA:

- *Introdução a uma estética existencial*. Lisboa: Portugália Ed., 1954.
- *A Angústia do nosso tempo e a Crise da Universidade*. Lisboa: Cidade Nova, 1956.
- *Crítica e Verdade: introdução à actual literatura portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Ed., 1964.
- *O Espírito da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Soc. de Expansão Cultural, 1967.
- *A Arte de Continuar Português*. Lisboa: Ed. do Templo, 1978.
- *Ó Portugal, Ser Profundo*. Lisboa: Ed. Espiral, 1982.
- *Introdução à Filosofia da História: Mito, História e Teoria da História no Pensamento Europeu e no Pensamento Português*. Lisboa: Verbo, 1982.
- *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*. Lisboa: Guimarães Ed., 1982/83, 2 vols.

- *Fernando Pessoa: Vida, Personalidade e Génio*. Lisboa: D. Quixote, 1988.
- *Uma Arqueologia da Tradição Portuguesa*. Lisboa: Guimarães Ed., 1988 (2ª).
- *O Primeiro Modernismo Português: vanguarda e tradição*. Mem Martins: Europa-América, 1989.
- *A Ideia de Portugal na Literatura dos Últimos Cem Anos*. Lisboa: Fund. Lusíada, 1989.
- *Memórias das Origens, Saudades do Futuro: valores, mitos, arquétipos, ideias*. Mem Martins: Europa-América, 1992.
- *Estruturas Simbólicas do Imaginário na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Átrio, 1992.
- *Portugal, Razão e Mistério*. Lisboa: Guimarães Ed., 1999 (2ª), 2 vols.
- *O Enigma de Lisboa*. Lisboa: IADE, 2001. AA.VV.
- *Sabatina de Estudos da Obra de António Quadros* (atas). Lisboa: Fund. Lusíada, 1995.
- *António Quadros*. Lisboa: IFLB, 1993.
- *António Quadros: 18 anos depois*. Lisboa: Fundação António Quadros, 2011.
- Martins, Maria da Conceição
- *A ideia de Portugal no pensamento de António Quadros* (TM-UM). Braga: UM, 2000.
- Ribeiro, Mário Sérgio
- *Símbolo, Mito e Filosofia da História*. Londrina: UL, 1997.

PENSAMENTO:

Foi uma das figuras maiores da Filosofia Portuguesa, desenvolvendo um pensamento que definiu como uma “patriosofia”, expresso, em particular, na sua obra, incompleta, *Portugal, Razão e Mistério*. Aqui, atualiza, em convergência com Agostinho da Silva, a herança joaquimita, defendendo que é “na obra dos filósofos que dominaram os dois últimos séculos da nossa cultura” que a influência de Joaquim de Flora mais se faz sentir, exemplificando essa sua tese com a referência que faz às obras de Agostinho da Silva, Álvaro Ribeiro, Fernando Pessoa e Jaime Cortesão – o primeiro “pela via de uma metanóia mítica e mística”, o segundo “pela via filosófica e pedagógica”, o terceiro “pela via alquímico-poética”, o quarto “pela via historiográfica”¹⁶⁹.

EXCERTOS:

- “A verdade é só uma? Talvez. Mas cada homem – e mais largamente cada país, está colocado em situação diferente em relação à verdade, relação da parte para o todo, entenda-se. A verdade é só uma, mas desabrocha em infinita variedade e plasticidade. Reduzir todos os planos da paisagem a uma só, ontem o plano de Florença ou Roma, hoje o plano de Paris, amanhã o plano de qualquer outra cultura igualmente totalitária e exigente, é empobrecer as possibilidades de alargamento de compreensão universal. Pelo contrário, possibilitar o desenvolvimento de tantas estéticas quantos os países, de tantos prismas de observação e de conhecimento quantas as resultantes de um determinado circunstancialismo geográfico, étnico, psicológico, político, social e filosófico, é aumentar em número proporcional as ‘tomadas de contacto’ com a verdade.”¹⁷⁰

- “A multiplicação das culturas, a heterogeneidade dos pensadores, pelo contrário, aumenta proporcionalmente as tomadas de contacto com o Ser. *A existência das filosofias nacionais garante o enriquecimento e a vivacidade das possibilidades de conhecimento dos humanos.*”¹⁷¹

- “Pede-se à criatura – humana ou artística – que não se restrinja a repetir, que não aliene a sua singularidade e, mais do que isso, que acrescente à ordem de que herdou a vida: que traga mais verdade, mais justiça, mais beleza – que invente, numa palavra.”¹⁷²

¹⁶⁹ Cf. *Portugal, Razão e Mistério*, ed. cit., II, p. 36. A este respeito, ver em particular: António José da Silva, *Naturalismo e Religiosidade em Jaime Cortesão*. Lisboa: UCP, 2000. Nesta obra, defende-se que a grande influência espiritual de Jaime Cortesão não foi a de Joaquim de Flora mas a de Francisco de Assis, como, de resto, acontece igualmente em Agostinho da Silva – a este respeito, ver ainda: João Ferreira, “A Espiritualidade Franciscana em Agostinho da Silva”, in AA.VV., *Agostinho [da Silva]*, ed. cit., pp. 193-200; António Braz Teixeira, “O Pensamento Teodidático de Agostinho da Silva”, in *ibidem*, pp. 48-54.

¹⁷⁰ *Introdução a uma estética existencial*, ed. cit., p. 13.

¹⁷¹ *A Angústia do nosso tempo e a Crise da Universidade*, ed. cit., p. 35.

¹⁷² *Crítica e Verdade: introdução à actual literatura portuguesa*, ed. cit., p. 269.



XX

Orlando Vitorino (1922 - 2003)

VIDA:

Nascido em Almeida, na Beira Alta, licenciou-se na Universidade de Lisboa, em Ciências Histórico-Filosóficas e foi funcionário superior do Serviço de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian. Para além da filosofia, Orlando Vitorino desempenhou um papel ativo na área do teatro, como ator, encenador e dramaturgo, com as peças *Nem Amantes Nem Amigos* (1962) e *Tongatabu* (1965). Dirigiu os Teatros de Arte de Lisboa, da Trindade e da Estufa Fria. Foi também diretor dos filmes *Eu Fui ao Jardim da Celeste* (1952), *Fábula da Leitura* (1952) e *Nem Amantes, Nem Amigos* (1970). Nos anos oitenta, assume um forte empenhamento político. Vem a falecer em Lisboa, onde viveu grande parte da sua vida.

OBRA:

- *Filosofia, Ciência e Religião: ensaio sobre textos de Hegel*. Lisboa: Arcádia, 1959.
- *A Idade do Corpo/ A Fenomenologia do Mal*. Lisboa: Teoremas, 1970.
- *Refutação da Filosofia Triunfante*. Lisboa: Teoremas, 1976.
- *Exaltação da Filosofia Derrotada*. Lisboa: Guimarães Editores, 1983.
- *O Plutocrata*. Vila Viçosa: Serra d'Ossa, 2009.
- *Manual de Teoria Política Aplicada*, prefácio de João Luís Ferreira. Lisboa: Verbo, 2010.
- *A Fenomenologia do Mal e outros ensaios filosóficos*, pref. de António Braz Teixeira. Lisboa: IN-CM, 2010. AA.VV.
- *Teoremas de Filosofia* (n.º dedicado a Orlando Vitorino). Porto: Joaquim Domingues, 2002, n.º 6.

PENSAMENTO:

Discípulo de José Marinho e Álvaro Ribeiro, a sua reflexão aborda várias temáticas, desde a Estética, à Filosofia do Teatro ou à Filosofia Política. Foi talvez nesta área que mais acabou por se notabilizar, ao defender um Liberalismo estreme contra todas as formas de Socialismo, que implacavelmente denunciou, antes e depois da Revolução de 25 de Abril de 1974. Em virtude desse seu empenhamento político, chegou mesmo, em 1985, a tentar candidatar-se à Presidência da República – a partir do projeto para uma nova Constituição –, acabando por desistir, por não ter conseguido recolher as assinaturas necessárias.

EXCERTOS:

- “A cultura é sempre cultura de alguma coisa que deixa de ser precisamente porque se faz dela objecto de cultura. E acabando por ver o que há de vão na sua tarefa, a cultura acaba por se fazer ela mesma um valor a cultivar e, então, os valores culturais põem-se a substituir os valores (filosóficos, religiosos e artísticos) que a cultura se destinava a cultivar. A cultura passa, então, a ser cultura da cultura, depois, cultura da cultura da cultura, depois cultura da... e assim sucessivamente.

As situações de decadência diagnosticadas pelo predomínio da cultura são cíclicas. De tais situações, a mais prolongada e a mais brilhante, foi a do império bizantino que constituiu, ao longo de alguns séculos, o longo amortecer da antiguidade. Atingindo expressões de grande requinte, fez

de tudo o que fora grande na antiguidade objectos de cultura e deixou como seu maior monumento as compilações do direito romano quando o direito romano estava cada vez mais remoto e morto. Pormenor curioso: foi também essa uma época de socialismo que os socialistas contemporâneos procuram ignorar (ou ignoram mesmo).

Nas situações que não são de decadência, do que se trata é de filosofia, de religião, de ciência ou de arte, não de cultura. Trata-se de filosofia ou de filosofar, não de cultura da filosofia. Trata-se de fazer o que a arte faz, não de defender as obras de arte ou levar a todos os valores que, precisamente, não são susceptíveis de ser levados a todos. Trata-se de entender imediatamente um teatro original que um tal Gil Vicente ou um tal Shakespeare nos ofereceram há quatro séculos: trata-se de teatro, não de cultura teatral. Quando, nas situações de decadência, a cultura da filosofia substitui a filosofia ou a cultura do teatro substitui o teatro, é porque a filosofia e o teatro se evanescem e perderam. Faz-se tudo para fazer entender Shakespeare e Gil Vicente, mas se um novo Shakespeare ou um novo Gil Vicente de súbito aparecessem, ninguém daria por eles. Tal como na famosa lenda do inquisidor-mor, os mesmos que vigiam pela cristianização da humanidade ou pela cultura do cristianismo não reconhecem o Cristo que de súbito surge entre eles; tal como aqui entre nós, ninguém reconhece um filósofo por excelência como é Leonardo Coimbra.”¹⁷³

¹⁷³ In *Escola Formal*, n.º 1, junho, 1977, p. 24.

XXI

António Telmo (1927 - 2010)



VIDA:

Nascido, tal como o seu irmão Orlando Vitorino, em Almeida, viveu, entre os dois e os seis anos, em Angola com a família. Quando esta regressa a Portugal, fixou-se em Alter-do-Chão e, mais tarde, em Arruda-dos-Vinhos, onde viveu até aos dezasseis anos. Antes de ir estudar para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ainda morará em Sesimbra, onde depois regressou, para assumir o cargo de diretor da Biblioteca Municipal. Entretanto, foi professor de Literatura Portuguesa, durante três anos, na recém-formada Universidade de Brasília, a convite de Agostinho da Silva. Na última fase da sua vida, radicou-se em Estremoz como Professor de Português. Faleceu no Hospital de Évora, após galopante doença, a que foi resistindo com a serenidade que lhe era característica.

OBRA:

- *Arte Poética*. Lisboa: Guimarães Ed., 1963.
- *Gramática secreta da língua portuguesa*. Lisboa: Guimarães, 1981.
- *Desembarque dos Maniqueus na Ilha de Camões*. Lisboa: Guimarães, 1982.
- *O Bateleur*. Lisboa: Átrio, 1992.

174 "O gênio da língua portuguesa", in *O Portugal de António Telmo*, ed. cit., p. 181.

- *Filosofia e Kabbalah*. Lisboa: Guimarães, 1989.
- *História Secreta de Portugal*. Lisboa: Vega, 1977.
- *Horóscopo de Portugal*. Lisboa: Guimarães, 1997.
- *Contos*. Lisboa: Aríon, 1999.
- *O Mistério de Portugal na História e n'Os Lusíadas*. Lisboa: Ésquilo, 2004.
- *Viagem a Granada*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2005.
- *Contos Secretos*. Chaves: Tartaruga, 2007.
- *Congeminações de um neopitagórico*. Vale de Lázaro: Al-Barzakh, 2006/ Lisboa: Zéfiro, 2009.
- *A Verdade do Amor*, seguido de *Adoração: cânticos de amor*, de Leonardo Coimbra. Lisboa: Zéfiro, 2008.
- *Luís de Camões*. Estremoz: Al-Barzakh, 2010.
- *O Portugal de António Telmo*, org. de Rodrigo Sobral Cunha, Renato Epifânio e Pedro Sinde. Lisboa: Guimarães, 2010.
- *A Aventura Maçónica*. Lisboa: Zéfiro, 2011. AA.VV.
- *António Telmo e as Gerações Novas*. Lisboa: Hugim, 2003.

PENSAMENTO:

Desenvolvendo uma singular perspectiva sobre Portugal – a partir de uma releitura de Luís de Camões e do simbolismo do Mosteiro dos Jerónimos –, enquanto lugar privilegiado de encontro e diálogo entre as três Tradições do Livro – ou seja, a judaica, a cristã e a islâmica –, António Telmo foi também, senão sobretudo, um cultor da Língua Portuguesa, nas suas dimensões mais subtis, ainda e sempre, seguindo a lição do seu assumido Mestre Álvaro Ribeiro: “sem filologia não há filosofia”.

EXCERTOS:

- “Quando só houver Europa, depois de abolidas as fronteiras e, sobretudo, depois da unificação da moeda, terá de pôr-se o problema da homogeneização das línguas, porque, dada a prometida livre circulação das pessoas e do trabalho, se todas mantiverem os mesmos hábitos linguísticos, será o caos da comunicação social. Não chegará a escolha do inglês, do francês ou do alemão para os actos oficiais. Será necessário que todos, desde a Rússia até Portugal, falem a mesma língua. O espírito que congrega os homens serve-se de dois agentes: o dinheiro e a palavra, que formam o seu duplo aspecto tenebroso e luminoso./ No século passado, a babilónica inteligência secreta, que trabalha para a homogeneização da Humanidade, não teve, então, a astúcia de principiar pelo económico ou, se teve, guardou-a para melhor oportunidade. Começou logo pelo fim, pela unificação linguística. Mas o esperanto foi um fracasso. Se os dois extremos da cadeia são o dinheiro e a palavra, antes de tentar pôr os povos a falar uma única língua será necessário dissolvê-los, desligando as pessoas da consciência singular de pertencerem a uma Pátria.” ¹⁷⁴